

• U



C •

FCDEF FACULDADE DE CIÊNCIAS DO
DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA TELES

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

COIMBRA

2012

JOÃO CARLOS VICENTE FERREIRA TELES
2007021109

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Professora Doutora Elsa Silva

COIMBRA
2012

Esta obra deve ser citada como: Teles, J. (2012). *Relatório Final de Estágio*. Relatório de Estágio. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Aos meus pais e irmão...

AGRADECIMENTOS

O presente relatório pretende dar conta do que foi este ano de estágio e do que para mim representou em termos de enriquecimento pessoal e formação profissional inicial. Neste sentido, muito devo eu a outras pessoas, as quais sem elas, este trabalho seria quase impossível, por isso deixo aqui os meus agradecimentos, pelo muito que contribuíram para o desenrolar deste Estágio Pedagógico.

Como a sua realização não teria sido possível sem esse apoio, quero manifestar a minha sincera gratidão àqueles que mais de perto me acompanharam:

À FCDEF-UC, por me ter proporcionado aprender mais e mais durante a minha vida académica;

À Escola Básica Castro Matoso e a todo o pessoal docente e não docente pela forma como me receberam neste ano de estágio, sempre disponíveis para ajudar;

Aos Orientadores, a Professora Elsa Silva e o Professor Fernando Leite, pelos seus ensinamentos e paciência, mostrando-se sempre disponíveis e preocupados para dissipar as dúvidas existentes neste trabalho;

Aos restantes professores por todos os ensinamentos transmitidos;

Aos meus colegas de curso, aqueles que viveram e conviveram comigo diariamente ao longo destes últimos anos, por todas as experiências que vivenciámos e que nunca iremos esquecer;

A todos os meus amigos, àqueles que continuaram próximos e outros que ficaram mais distantes em virtude do muito trabalho, mas sempre próximos também;

Aos meus pais que me incentivaram a nunca desistir de nada e me deram força para persistir no alcance de tudo isto;

Ao meu irmão, por toda a paciência e ajuda que me deu neste ano difícil;

Aos meus alunos pelo ano fantástico que me proporcionaram;

A todos aqueles que sem o saberem, me fizeram crescer enquanto pessoa.

A todos vocês...o meu muito obrigado!

**"Nada se obtém sem esforço;
tudo se pode conseguir com ele."**

Ralph Waldo Emerson

RESUMO

Neste documento pretendo expor aquelas que foram as vivências pelas quais passei ao longo deste estágio pedagógico, realizado no ano lectivo 2011/2012. Este estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, e tendo como finalidade a obtenção do estatuto de professor resultou da colocação em prática de todas as práticas pedagógicas aprendidas por mim ao longo dos quatro anos anteriores, enquanto aluno universitário. Ao longo do relatório relatarei todas as práticas pedagógicas realizadas ao longo de todo o ano enquanto professor, desde o planeamento, passando pela realização e terminando na avaliação, à qual se seguirá um relato do desenvolvimento da componente da ética profissional. Depois farei uma reflexão sobre todo esse trabalho desenvolvido, identificando pontos fortes e pontos menos fortes da minha acção enquanto estagiário na Escola Básica Castro Matoso. A finalizar este documento estará um aprofundamento de um tema escolhido por mim, e que eu achei pertinente abordar a integração de crianças e jovens com Necessidades Educativas Especiais na escola regular. Espero com este documento ser capaz de expor de forma clara para todos que o leiam, todas as aprendizagens por que passei.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Educação Física. Ensino-Aprendizagem. Planeamento. Realização. Avaliação. Ética Profissional.

ABSTRACT

This document aims to describe the experience I went through throughout the pedagogical internship conducted in the academic year 2011/2012. This internship took place under the Masters of Physical Education Teaching for Basic and Secondary Education and its main goal is to become a teacher. The final result of this internship was a direct application of all the pedagogical practices which I have learnt throughout the previous 4 years. In this report I will describe all the pedagogical practices which I put into effect during this year: starting from the classes planning process, passing through its implementation and finally ending in the evaluation process. After this description, the development of professional ethics will be accounted as well. Following the aforementioned, a reflection on all the work will be held, identifying the strengths and weaknesses of my action as a trainee teacher at Escola Básica Castro Matoso. Finally, I will briefly discuss a topic which I found to be very appropriate: integration of children and young people with Special Education Needs in regular schools. I hope to make myself clear throughout this pages and that anyone who might read may understand the all the things I have learnt.

Keywords: Teaching Practice. Physical Education. Teaching-Learning. Planning. Performance. Evaluation. Professional Ethics.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO..... | IX |
| ABSTRACT..... | XI |
| 1. Introdução..... | 1 |
| 2. Expectativas Iniciais..... | 2 |
| 3. Caracterização da Escola, do Grupo de EF e da Turma..... | 4 |
| 4. Actividades de Ensino-Aprendizagem..... | 7 |
| 5. Componente Ético-Profissional..... | 20 |
| 6. Reflexão sobre as Actividades de Ensino-Aprendizagem..... | 23 |
| 7. Reflexão sobre a Componente Ético-Profissional..... | 32 |
| 8. Formação..... | 35 |
| 9. Questões Dilemáticas..... | 39 |
| 10. Aprofundamento de Tema/Problema..... | 42 |
| 11. Conclusões..... | 52 |
| 12. Referências..... | 55 |
| ANEXOS..... | 58 |

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Expectativas Iniciais | 2 |
| 3. Caracterização da Escola, do Grupo de EF e da Turma | 4 |
| 3.1. Caracterização da escola | 4 |
| Conselho Geral | 4 |
| Direcção | 4 |
| Conselho Pedagógico | 4 |
| Conselho Administrativo | 5 |
| Estruturas de Orientação Educativa | 5 |
| 3.2. Caracterização do Grupo de EF | 6 |
| 3.3. Caracterização da Turma | 6 |
| 4. Actividades de Ensino-Aprendizagem | 7 |
| 4.1. Planeamento | 7 |
| 4.1.1. Plano Anual | 7 |
| 4.1.2. Unidades Didácticas | 9 |
| 4.1.3. Planos de Aula | 10 |
| 4.2. Realização | 11 |
| 4.2.1. Intervenção Pedagógica Instrução | 11 |
| 4.2.2. Intervenção Pedagógica Gestão | 13 |
| 4.2.3. Intervenção Pedagógica Clima/Disciplina | 14 |
| 4.2.4. Intervenção Pedagógica Decisões de Ajustamento | 14 |
| 4.3. Avaliação | 15 |
| 4.3.1. Avaliação Diagnóstica | 16 |
| 4.3.2. Avaliação Formativa | 17 |
| 4.3.3. Avaliação Teórica | 18 |
| 4.3.4. Avaliação Sumativa | 18 |

| | |
|--|----|
| 4.3.5. Avaliação Final | 19 |
| 5. Componente Ético-Profissional | 20 |
| 6. Reflexão Sobre as Actividades de Ensino-Aprendizagem | 23 |
| 6.1. Planeamento | 23 |
| 6.2. Realização | 25 |
| 6.3. Avaliação..... | 28 |
| 7. Reflexão sobre a Componente Ético-Profissional..... | 32 |
| 7.1. Importância do Trabalho Individual | 32 |
| 8. Formação | 35 |
| 8.1. Dificuldades sentidas e formas de resolução | 35 |
| 8.2. Formação Contínua..... | 37 |
| 9. Questões Dilemáticas | 39 |
| 9.1. Jogos Lúdicos como Aquecimento..... | 39 |
| 9.2. Percurso Académico – Pouca Prática Pedagógica | 40 |
| 9.3. Carga Horária Reduzida → Educação Física Teórica..... | 40 |
| 10. Aprofundamento de Tema/Problema..... | 42 |
| 10.1. Definição de Conceitos | 42 |
| 10.2. Revisão Histórica da Educação Especial..... | 43 |
| 10.3. Definição do Currículo face aos alunos com N.E.E. | 45 |
| 10.4. Educação Física Adaptada | 47 |
| 10.5. Principais dificuldades dos professores sobre alunos com N.E.E..... | 47 |
| 10.6. Avaliação de alunos com N.E.E..... | 48 |
| 10.7. Estratégias usadas com alunos com N.E.E. | 48 |
| 10.8. Experiência pessoal..... | 49 |
| 11. Conclusões..... | 52 |
| 11.1. Impacto do estágio pedagógico na minha moldagem pessoal e profissional | 52 |
| 12. Referências | 55 |

| | |
|---|----|
| ANEXOS | 59 |
| ANEXO I – PLANEAMENTO ANUAL REALIZADO | 60 |
| ANEXO II – ROULEMENT | 64 |
| ANEXO III – PLANO DE AULA E REFLEXÃO | 67 |
| ANEXO IV – EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS | 70 |
| ANEXO V – GRELHA DE OBSERVAÇÃO | 72 |
| ANEXO VI – GRELHAS DE AVALIAÇÃO..... | 75 |
| ANEXO VII – GRELHAS DE FEEDBACK..... | 79 |
| ANEXO VIII – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL | 82 |

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

João Carlos Vicente Ferreira Teles, aluno nº 2007021109 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido na alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. Introdução

O presente documento é denominado de Relatório Final de Estágio e é realizado no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, pertencente ao 2º semestre do 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

Este documento irá estar dividido em várias partes, que pretendem ser uma exposição de todos os momentos vividos ao longo do ano lectivo que agora termina, e que corresponde ao ano de realização do meu estágio pedagógico. Assim, procurarei ao longo de todo o relatório falar sobre as minhas expectativas iniciais, passando pela fase de planeamento de todo o processo de ensino-aprendizagem, realização e por fim avaliação do mesmo, em todos os itens sobre os quais reflecti e produzi material. Após essa exposição, irei fazer uma reflexão aprofundada sobre cada uma dessas dimensões do processo de ensino-aprendizagem realizado no Agrupamento de Escolas de Oliveirinha, com a turma do 8ºA. Irei ainda abordar de forma integrada em cada um destes itens, mas de forma paralela a ética profissional, que me norteou o processo ensino-aprendizagem efectuado ao longo de todo um ano lectivo.

Ainda neste documento será abordado um tema escolhido por mim, onde irei falar sobre a integração de crianças e jovens com necessidades educativas especiais (NEE), nas aulas de educação física, com alunos ditos normais.

2. Expectativas Iniciais

Pois é...

E eis que já chegou o grande dia. O dia que mais intimida, mas ao mesmo tempo fascina todo o estudante do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário: o dia em que se inicia o Estágio Pedagógico.

Ainda tenho bem presente na memória a minha entrada na faculdade, a roupa enlameada da praxe, a gritar pela nossa instituição, ansiosos, motivados, contentes com o ingresso, mas muito receosos da realidade que iríamos encontrar. Pois foi exactamente assim que me senti no momento de entrada na Escola para o primeiro dia de trabalho como professor... “Que realidade encontrarei eu agora?” Pensei eu.

Penso que os quatro anos que antecederam esta nova etapa, não são menos importantes do que o Estágio Pedagógico em si. No decurso desses anos, fomos apetrechados dos mais variados conhecimentos e saberes, vivenciámos diversas experiências práticas, sendo elas, no entanto, pouco semelhantes à realidade que na Escola irei encontrar. Por outras palavras: em quatro anos treinámos e estudámos, agora é a altura de pôr tudo isso à prova... Desta forma, acho que o Estágio Pedagógico é o corolário de todo o investimento que fiz, e continuo a fazer na minha formação e que espero me preencha, de tal forma que, de hoje a um ano me sinta mais confiante, mais capaz, mais homem, mas acima de tudo, orgulhoso por ter sido um professor que de alguma forma contribuiu para a formação de diversas crianças e jovens. Desta forma, os meus objectivos para este estágio são os seguintes:

- ✓ Espero sinceramente que, neste primeiro ano que vou leccionar, possa aprender muito quer com os meus amigos, quer com os meus novos colegas e fundamentalmente com o Orientador e o Supervisor de Estágio. É neles que vejo uma base sólida de saberes e experiências acumuladas, de muitos anos de realidade escolar e prática docente, e que espero que se transformem numa referência pela qual eu me oriente de forma a “levar o (meu) barco a bom porto”.
- ✓ Diz-se sempre que o ano de Estágio é um ano extremamente trabalhoso, tudo para que se consiga terminar o tão ambicionado Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Concordo com tudo isso, mas não entendo esse esforço como sendo em vão, pois considero que

para além de um ano a ensinar, há paralelamente um ano a aprender. No meu entender, com esforço, dedicação, motivação e com a ajuda dos colegas, do Orientador e do Supervisor de Estágio, tudo será fácil de ultrapassar porque afinal “quem corre por gosto não cansa.”

- ✓ Nas aulas que irei leccionar, tentarei sempre que estejam presentes alguns aspectos que considero fundamentais para o sucesso do processo ensino/aprendizagem, tais como a disciplina, o empenhamento e a motivação para as tarefas a realizar.
- ✓ Quanto às Unidades Didácticas, penso que irei sentir aqui e ali, algumas dificuldades na sua abordagem, na medida em que, há sempre modalidades com as quais estamos menos identificados e familiarizados. No entanto, é minha vontade durante este ano de Estágio aprofundar os meus conhecimentos sobre aquelas matérias em que me sinto mais inseguro.
- ✓ O Estágio Pedagógico abrange outras componentes para além das aulas de Educação Física e que são também muito importantes. Elas contribuirão para o enriquecimento da minha formação pessoal, tais como a realização das duas actividades inseridas na unidade curricular Projectos e Parcerias Educativas, o acompanhamento e apoio à Directora de Turma inserida na unidade curricular de Organização e Gestão Escolar, entre outros.

Vamos a isso...

3. Caracterização da Escola, do Grupo de EF e da Turma

3.1. Caracterização da escola

A escola onde realizei o meu estágio pedagógico foi a Escola Básica Castro Matoso. A Escola Básica Castro Matoso funciona permanentemente num período das 8h30m às 18h00m sendo que, durante esse espaço temporal, os serviços da escola funcionam com horários próprios. O período de aulas decorre desde as 9h00m às 17h35m.

No período nocturno a Escola dispõe ainda do aluguer do seu pavilhão gimnodesportivo desde as 18h00m às 01h00m. Neste período apenas funciona o pavilhão estando o edifício escolar encerrado.

Na Escola Básica Castro Matoso, como órgãos de administração e gestão existem o Conselho Geral, Direcção, Conselho Pedagógico, Conselho Administrativo e Estruturas de Orientação Educativa.

Conselho Geral

O conselho geral é o órgão cuja responsabilidade visa a definição das linhas orientadoras da actividade da escola, sempre com máximo respeito pelos princípios consagrados não só na Constituição da República Portuguesa como na Lei de Bases do Sistema Educativo. A assembleia é composta por representantes do pessoal docente, representantes do pessoal não docente, representantes dos pais/encarregados de educação e um representante da autarquia local.

Direcção

A direcção da Escola Básica Castro Matoso é o órgão responsável pela gestão da escola nas áreas pedagógica, cultural, administrativa e financeira da escola.

Conselho Pedagógico

O conselho pedagógico é o órgão de coordenação e orientação educativa na escola devendo agir sob os domínios pedagógico e didáctico. A acção do conselho pedagógico deve também englobar o acompanhamento aos alunos e pessoal docente e não docente (formação). O conselho pedagógico é composto por um

elemento da direcção, o representante de cada um dos departamentos da escola, representantes dos docentes, representante dos directores de turma, representante das associações de pais/encarregados de educação e representante da rede de bibliotecas escolares.

Conselho Administrativo

O conselho administrativo tem por função deliberar sobre os temas relacionados com a área administrativo-financeira da Escola. É composto pelo director (que preside ao conselho) e o adjunto e a chefe dos serviços administrativos.

Estruturas de Orientação Educativa

As estruturas que, na escola, regem os princípios de orientação educativa, com objectivo de dar acompanhamento ao percurso escolar dos alunos e promover uma cada vez maior qualidade educativa. As estruturas que visam o desenvolvimento do projecto educativo são os departamentos curriculares, conselhos de turma e conselho de directores de turma.

A escola encontra-se em estado de conservação razoável em termos de instalações e no que diz respeito a fins curriculares existem 24 espaços, que se distribuem por Salas de Aula, Oficinas e Laboratórios, uma Biblioteca Escolar e uma Sala de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). A escola inclui também áreas descobertas de recreio e uma área desportiva com Pavilhão Gimnodesportivo.

Relativamente a instalações ditas complementares, existem espaços específicos para as funções de gestão e administrativas, nomeadamente, Gabinete da Direcção Executiva, Secretaria, SASE, PBX, Refeitório, Bar, Reprografia e Papelaria. Existem ainda instalações gerais para o convívio de alunos, pessoal docente e não docente, Gabinete Médico, um gabinete para os Directores de Turma e, ainda, um gabinete para a psicóloga.

3.2. Caracterização do Grupo de EF

Para o ano lectivo de 2011/2012 a Escola Básica Castro Matoso relativamente à disciplina de Educação Física é composta pelos seguintes professores:

- ❖ José Marques – 1º e 2º Ciclo;
- ❖ Lúcia Rocha – 1º e 2º Ciclo;
- ❖ Paula Dias – 1º e 2º Ciclo;
- ❖ Fernando Leite – 3º Ciclo;
- ❖ José Teixeira – 3º Ciclo.

Ainda é conveniente referir que ao nível do 3º ciclo se podem acrescentar os alunos estagiários que compõem o Núcleo de Estágio de Educação Física.

Os professores José Marques e Paula Dias são os responsáveis por leccionar a disciplina de Dança que é uma opção curricular para os alunos do 3º ciclo.

3.3. Caracterização da Turma

A turma do 8ºA da Escola E. B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha, na qual desenvolvi o meu trabalho enquanto professor estagiário, era composta por um total de 20 alunos, sendo 14 do género masculino (70%) e 6 do género feminino (30%).

As idades dos alunos variavam entre os 12 e os 14 anos sendo que, 5 alunos têm 12 anos (25%), 7 alunos têm 13 anos (35%) e 8 alunos têm 14 anos (40%).

Relativamente à disciplina de Educação Física, verificou-se que 80% dos alunos referiam gostar da disciplina de Educação Física, enquanto 20% não gostava desta disciplina.

Quase todos os alunos qualificaram a disciplina como sendo importante ou muito importante, 45% e 35% respectivamente. Apenas 20% dos alunos mencionou a Educação Física como não sendo importante.

Numa escala de 1 a 10, 30% referiu ter uma motivação máxima.

4. Actividades de Ensino-Aprendizagem

4.1. Planeamento

Esta fase do planeamento é entendida como a definição de todas as aprendizagens que os alunos vão desenvolver ao longo do ano, e está ao cargo dos professores a definição dessas várias metas.

Os professores, tanto a nível individual como a nível colectivo, têm como tarefa o desenvolvimento do currículo que envolve toda a dimensão processual e dinâmica do currículo, considerado em duas vertentes: a sua construção e a sua implementação no terreno. Envolve uma intenção e uma acção enquanto imagem antecipadora de uma realidade que se pretende atingir. Esse processo de desenvolvimento do currículo é complexo, contínuo e dinâmico de negociação de sentidos entre teoria e prática, entre o currículo ideal, formal e real, entre a cultura escolar e a cultura experiencial, e necessita ser gerido de forma não determinista, através de processos de interpretação, investigação, reflexão e decisão em vários níveis e em diferentes dimensões de actuação: do Projecto Curricular de Escola e do Projecto Curricular de Turma. Isto implica reconhecer o carácter social do acto educativo num quadro de complexidade e a percepção de que no contexto social da escola, a melhoria das aprendizagens não se constroem apenas com o esforço individual, sendo necessária uma ruptura com a concepção do professor como mero consumidor do currículo.

Assim esta fase fica definida como sendo a construção do currículo dos alunos, segundo objectivos bem definidos e justificados.

4.1.1. Plano Anual

Relativamente à sub-dimensão planeamento, esta dividiu-se em diversos produtos que foram tendo o seu lugar de realização e conclusão em diferentes momentos ao longo de todo o estágio pedagógico.

O primeiro a ser realizado e que teve o seu início ainda antes do ano lectivo oficial ter começado, foi o plano anual de turma, que é composto por diversos documentos, quer individuais, quer de grupo. Inicialmente o núcleo de estágio reuniu de forma a realizar todas as partes que seriam comuns a todos os planos anuais de todas as turmas, que foram: Caracterização do Meio, que contou com um

enquadramento geográfico no qual se insere a escola onde foi desenvolvido o estágio, assim como uma análise sobre o estatuto sócio-económico das famílias dos alunos pertencentes à escola; Caracterização do Agrupamento, onde foi feito um levantamento histórico sobre a constituição da escola, além de contar com uma exaustiva indicação das escolas pertencentes ao agrupamento; Recursos Humanos, onde estão discriminados o número de elementos que constituem o pessoal docente, não docente e também alunos, de cada uma das escolas constituintes do agrupamento; Caracterização da Escola onde se encontram os diferentes organigramas da direcção da escola e ainda uma breve explicação sobre as responsabilidades de cada um desses órgãos, entre outras informações que o núcleo de estágio achou pertinente incluir na estrutura deste documento; foi ainda realizada em grupo e que se encontra incluída no plano anual da minha turma, uma parte da caracterização da disciplina de Educação Física, (pois só uma parte seria comum a todas as turmas dos professores estagiários, e essa parte corresponde aos recursos humanos, físicos e materiais existentes na escola, que estão ao serviço do grupo de educação física. Após esta parte realizada em grupo, cada estagiário desenvolveu a parte correspondente à sua turma. No que ao 8ºA diz respeito, foi passado um questionário na primeira aula do ano, em que após o tratamento dos dados foi feita uma reflexão, que constituiu a caracterização da turma, que me permitiu conhecer melhor a turma no geral, e também cada aluno de uma forma mais particular. Após esta análise dos questionários, o plano anual ficou em suspenso, até à realização de todas as avaliações diagnósticas de todas as matérias que iria abordar durante todo o ano lectivo, pois só após as mesmas pude construir o planeamento anual de turma previsto, onde ficaram decididos (mas não de forma estanque) os momentos de contacto da turma com cada uma das unidades didácticas que iriam abordar, consoante o nível da turma, na medida em que onde houvesse um nível mais aprofundado, seriam dadas menos aulas, enquanto que nas matérias menos evoluídas o número de aulas seria maior, de forma a tentar produzir maiores evoluções. No final do estágio pedagógico fui obrigado a rectificar este planeamento anual, pelo definitivo, onde se encontra totalmente correcto o tempo e aula de contacto da turma com todas as unidades didácticas, até ao final do estágio.

Todo este processo levou sempre em linha de conta diversos documentos oficiais que norteiam todo e qualquer processo ensino-aprendizagem, e são eles o

Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo, Plano Anual de Educação Física da escola para o 3º ciclo, o *Roulement*, o Regulamento Interno da Escola e o Projecto Educativo do Agrupamento.

4.1.2. Unidades Didácticas

Após a conclusão do plano anual de turma, a prioridade seguinte dos estagiários no que a trabalho massivo dizia respeito, centrou-se na elaboração das várias unidades didácticas que iriam ser abordadas por cada um, na sua turma. Para a sua construção houve uma vez mais uma parte comum a todos os estagiários, que dizia respeito à caracterização e estrutura de conhecimentos de cada uma das matérias, e em que os estagiários trabalharam todos em conjunto. No seu desenvolvimento houve vários documentos que estiveram sempre presentes, entre eles, o Programa Nacional de Educação Física e o Plano Anual de Escola.

Na parte correspondente à minha turma, fixei-me em dois pontos principais para construir as unidades didácticas (aquilo que já poderia ser construído), que foram as avaliações diagnósticas realizadas por mim nas primeiras aulas de cada matéria (e respectivo relatório) e também o planeamento anual que tinha feito, onde constavam os momentos de contacto dos alunos com as diferentes matérias. Assim, com estes dois documentos, pude facilmente definir a Extensão e Sequência de Conteúdos a realizar em cada matéria, bem como as progressões pedagógicas que eu achava necessárias realizar, para que pudesse ao longo do processo ensino-aprendizagem produzir nos alunos mudanças que os fizessem atingir os objectivos por mim traçados nessa mesma unidade didáctica.

Para a construção da Extensão e Sequência de Conteúdos tive de olhar ao *Roulement*, sabendo em que espaço iria dar aula, bem como do número de aulas que iria ter disponível para cada matéria, para assim poder fazer uma distribuição equilibrada e correcta de todos os conteúdos que tinha projectado abordar. Assim como o disse no Plano Anual de Turma, volto a dizer para a Extensão e Sequência de Conteúdos, que esta não é (nem o foi, em algumas unidades didácticas) estanque, pelo que poderão existir revisões, àquilo que estava estipulado inicialmente, por diversos factores, que se podem prender com um número diferente de aulas daquele que foi inicialmente projectado, bem como por ritmos diferentes de

aprendizagens dos alunos para com os vários conteúdos, relativamente àquilo que era esperado que acontecesse.

A conclusão das unidades didácticas foi um processo que foi sendo gradual, com o cumprimento de várias metas para a sua consecução como foram a realização da avaliação formativa e respectivo relatório, bem como das avaliações teóricas e sumativas e respectivos relatórios, que culminaram então numa reflexão de todo o processo de ensino-aprendizagem efectuado ao longo de cada unidade didáctica.

4.1.3. Planos de Aula

Este processo de elaboração dos planos de aula foi uma tarefa, que apesar de poder ter-se a ideia que seria uma tarefa exclusiva de cada estagiário, construir o plano de aula para a sua turma, a realidade é que isso não se revelou acontecer na totalidade, uma vez que as constantes conversas entre os professores estagiários acerca das aulas que iam sendo dadas, através da observação de aulas dos colegas, os planos de aula tinham muito de colectivo também.

Com todas estas conversas entre os estagiários no início do ano lectivo, e apesar de termos o plano de aula construído desde o início do ano lectivo, deparámo-nos com bastantes dúvidas sobre o que devia e não devia conter o plano de aula na sua estrutura. Assim, após alguma pesquisa sobre a hierarquia dos objectivos (que era aquilo que gerava mais confusão), o núcleo de estágio conseguiu chegar a um consenso relativamente à construção do plano de aula e o que devia incluir em cada um. Assim, a estrutura continha: Coerência com o desenrolar da Unidade Didáctica que lhe estava associada, uma vez que essa mesma Unidade Didáctica era o guia de acção para a função didáctica da aula, bem como dos objectivos gerais que a mesma possuía; Na grelha consequente à grelha introdutória do plano de aula, estavam contidos os desenvolvimentos propriamente ditos da aula, onde era feita uma divisão tendo em conta uma organização lógica, assim tínhamos uma coluna onde estavam definidos os tempos parciais das várias tarefas, bem como o somatório dos tempos parciais. Noutra coluna era feita uma descrição dos exercícios e também os objectivos específicos de cada um dos exercícios planeados. Na coluna imediatamente a seguir estão descritas as estratégias de organização, de forma a rentabilizar o máximo tempo de aula, em

tempo de empenhamento motor específico. As duas últimas colunas diziam respeito aos objectivos comportamentais dos alunos em cada um dos exercícios e aos critérios de êxito de cada uma das tarefas, bem como dos estilos de ensino abordados em cada uma das tarefas propostas.

No final de cada aula era feita uma reflexão sobre a correcção das opções tomadas ao longo da aula, analisando os eventuais factores de sucesso/insucesso e fazendo um paralelismo com os objectivos da Unidade Didáctica e a evolução, para a sua consecução.

4.2. Realização

A fase de realização é a colocação em prática de todos os planeamentos feitos, e reveste-se de capital importância pois é neste contacto com os alunos que vamos aplicar o chamado processo ensino-aprendizagem e conseguir fazer cumprir os objectivos a que nos propusemos, não só na consecução do estágio pedagógico, mas também nas diferentes Unidades Didácticas que abordámos.

Seguidamente vai ser explicada individual e detalhadamente, sobre o que consistiu a abordagem de cada uma das dimensões da intervenção pedagógica.

4.2.1. Intervenção Pedagógica | Instrução

Relativamente à dimensão instrução esta divide-se em quatro fases: Informação Inicial; Condução da Aula; Qualidade dos Feedbacks; Conclusão da Aula.

Na fase de informação inicial procurei sempre de forma célere fazer uma transmissão aos alunos daquilo que ia ser a aula, e os seus objectivos e função, além de procurar ainda fazer uma ponte entre o que iria ser aquela aula e as aulas anteriores da mesma Unidade Didáctica, para que assim os alunos se sentissem envolvidos e conhecedores do processo ensino-aprendizagem que estava programado para eles.

Na condução da aula, uma das minhas grandes preocupações foi adoptar sempre um posicionamento correcto que me permitisse ter permanentemente todos os alunos no meu raio de visão, ou não sendo isso possível conseguir pelo menos “varrer a turma” com um olhar, para que pudesse intervir em qualquer situação de

fornecimento de feedbacks ou até mesmo de controlo de comportamentos incorrectos protagonizados pelos alunos. Ainda dentro da condução da aula, procurei sempre que possível recorrer a alunos como forma de demonstrar o exercício que pretendia ver realizado, acontecendo isto mais dentro da abordagem da unidade didáctica, já que no início era sempre eu a demonstrar uma vez que não tinha grandes dificuldades em qualquer gesto técnico, para além de querer confirmar nas aulas iniciais de abordagem de cada matéria os resultados obtidos na avaliação diagnóstica, para assim poder escolher os alunos que melhor se relacionavam em determinada matéria. Algumas vezes recorri também a auxiliares de ensino a par da demonstração para uma mais fácil compreensão e detecção das componentes críticas dos diferentes movimentos, por parte dos alunos.

Quanto aos feedbacks na fase inicial do ano lectivo o seu número por aula foi diminuto, uma vez que nos encontrávamos na fase de avaliação diagnóstica, em que mais importante que corrigir eventuais erros era avaliar correctamente o valor dos alunos. Após esta fase inicial e entrando nas fases de introdução e exercitação das várias matérias o número de feedbacks por aula aumentou também, no entanto ao longo de grande parte do ano o comportamento que alguns alunos específicos da turma foram tendo não me proporcionaram dedicar-me quase única e exclusivamente no decorrer dos exercícios, com a questão dos feedbacks, tendo de dividir a minha atenção entre esta questão e a clarificação de comportamentos desviantes. Quanto à forma dos feedbacks procurei ao longo das aulas variar a forma, recorrendo maioritariamente aos descritivos, prescritivos e de reforço, fazendo também várias intervenções com feedbacks positivos. Uma forma que usei pouco ao longo de todo o ano no decorrer das aulas, utilizando apenas algumas vezes no final das mesmas, foram os feedbacks interrogativos e cinestésicos. Ao nível da direcção dos feedbacks recorri maioritariamente aos feedbacks individuais.

Falando agora sobre a quarta e última dimensão da instrução, que é a conclusão da aula, em todas as aulas terminei sempre a sessão reunindo todos os alunos perto de mim e realizando uma verificação da aquisição de conhecimentos por parte dos alunos, sobre a aula realizada. Esta verificação era feita através de questionamento verbal, e outras vezes a pedido de demonstrações por parte de alunos escolhidos por mim, dos vários gestos técnicos. Aproveitei sempre este final de aula para fazer um balanço de como tinha corrido a aula, informando sempre os

alunos dos pontos positivos e pontos menos positivos da aula, para que também eles reflectissem e tivessem uma visão crítica e reflexiva das suas acções ao longo da aula.

4.2.2. Intervenção Pedagógica | Gestão

Esta dimensão da intervenção pedagógica divide-se em dois grupos, Gestão do Tempo e Organização/Transição.

Grande parte das aulas decorreram de forma muito positiva relativamente àquilo que tinha programado, pois consegui cumprir bastante bem os tempos destinados a cada exercício, não tendo de proceder a alterações. Nas aulas em que este cumprimento se verificou, as mesmas ficaram marcadas por vários pontos em comum que foram a capacidade que tive de programar uma aula em que a utilização do material disponível fosse de encontro a transições céleres e rápidas de exercícios, tendo de modificar o mínimo possível as condições de aula, procurando sempre que o tivesse que fazer, de aproveitar algum aluno que não realizasse aula, explicando-lhe como queria a distribuição do material, realizando ele essa tarefa, chamando-o assim também à participação na aula, ainda que de forma colaborante. Outro ponto comum a estas aulas de cumprimento total do planeado foi a formação prévia de grupos de trabalho, adoptando diferentes estratégias. Procurei por vezes distribuir os focos de perturbação pelos vários grupos, para que estivessem mais controlados junto de alunos mais concentrados e empenhados, outras vezes procurou-se juntar os alunos passíveis de serem focos de perturbação no mesmo grupo, dando mais liberdade aos restantes grupos e estando eu mais em cima desse grupo. Duas estratégias utilizadas na divisão dos grupos, e que não passaram pelo comportamento, mas basearam-se antes no desempenho motor dos alunos, tiveram a ver com os objectivos definidos para aula, organizando por vezes grupos de nível onde prestava especial atenção ao grupo menos desenvolvido, outras vezes optei pela estratégia de colocar em cada grupo um aluno que realizasse sem dificuldades os elementos pretendidos, de forma a ajudar os outros elementos que teriam mais dificuldades.

4.2.3. Intervenção Pedagógica | Clima/Disciplina

Também esta dimensão se divide em dois grupos que são eles o Controlo e a Comunicação.

Ao longo de todo o ano uma das minhas grandes preocupações foi com o controlo da turma, para que as aulas pudessem ser mais rentáveis em termos de aprendizagens para os alunos. Este controlo não foi fácil de fazer ao longo de todo o ano lectivo, apesar dos focos de perturbação estarem bem identificados desde o início. Procurei sempre através do reforço positivo e tentativa de chamar à responsabilidade desses alunos problemáticos em termos de comportamento, trazê-los para a tarefa com um comportamento condizente com uma aula, numa tentativa de os fazer trabalhar para que superassem as suas dificuldades, mas muitas vezes estas tentativas não se materializavam em acções concretas dos alunos, o que me levou em última circunstância a enviar esses alunos para a biblioteca efectuar um trabalho escrito de forma a poder ter a aula mais controlada e focar-me mais no seu objectivo.

A parte da comunicação com os alunos foi uma parte que fui melhorando ao longo do ano, estando neste momento muito mais desenvolvido nas minhas comunicações feitas aos alunos, conseguindo claramente captar muito mais facilmente a atenção dos alunos, e tendo uma linguagem compreensível para os alunos, procurando sempre utilizar uma terminologia correcta, utilizando a estratégia de ao dizer o termo técnico usado em linguagem mais comum para os alunos, procurar logo de imediato utilizar a terminologia correcta da modalidade e da educação física (ex: cambalhota, seguido imediatamente de rolamento). Tenho também conseguindo de uma forma mais natural transmitir a mensagem que pretendo, tendo para isto também melhorado a maturidade de alguns alunos ao longo de todo um ano lectivo.

4.2.4. Intervenção Pedagógica | Decisões de Ajustamento

No que concerne às decisões de ajustamento, as mesmas podem ser de várias naturezas, e relativas a diferentes documentos e planeamentos. Podemos alterar tanto os planos de aula, como as Unidades Didácticas, quer seja por elevada eficácia na consecução dos objectivos propostos, definindo metas novas para

atingir, como pelo contrário por reduzida eficácia relativamente ao que se esperava dos alunos, tendo de definir novas metas menos ambiciosas para os alunos.

As decisões de ajustamento produzidas nas unidades didácticas tiveram sempre como base os planos de aula e relatórios de aula, pois são fundamentadas com experiências vividas ao longo da leccionação das aulas. Estas decisões de ajustamento não ofereceram grandes dificuldades na sua consecução, pois resultavam (apesar de muitas vezes não serem dados concretos retirados de uma avaliação formal) de uma avaliação que ia fazendo com o decorrer das aulas e culminavam com a avaliação formativa que confirmava estas minhas expectativas face às alterações que teria de promover.

No que aos planos de aula diz respeito, senti no início do ano alguma dificuldade em promover alterações de fundo com o decorrer da aula, pois não me sentia preparado para fazer mudanças estruturais, tentando cumprir o plano de aula o mais próximo possível daquilo que estava delineado. Com o decorrer das aulas, e com uma cada vez maior preparação que fui fazendo das mesmas, consegui ir sempre produzindo alterações na estrutura das mesmas, quer fosse pelos exercícios serem ambiciosos demais, quer se passasse o contrário ou ainda por comportamento inadequado dos alunos, levando a punições que não estavam previstas no plano de aula.

Achei esta melhoria bastante positiva no meu percurso, pois permitiu um controlo cada vez maior da turma.

4.3. Avaliação

A avaliação é um momento imprescindível no processo ensino-aprendizagem.

De Ketele (1991) define a avaliação “como o acto de examinar o grau de adequação entre o conjunto de informações e um conjunto de critérios, adequados a um objectivo previamente fixado, com vista a uma tomada de decisão”

Segundo o exposto no Despacho Normativo n.º 6/2010, a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens. Ainda segundo este despacho, a avaliação visa:

- a) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;
- c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

Este despacho indica-nos ainda os objectos da avaliação:

- a) A avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo, expressas no projecto curricular de escola e no projecto curricular de turma, por ano de escolaridade.
- b) As aprendizagens de carácter transversal e de natureza instrumental, nomeadamente no âmbito da educação para a cidadania, da compreensão e expressão em língua portuguesa e da utilização das tecnologias de informação e comunicação, constituem objecto de avaliação em todas as disciplinas e áreas curriculares.

Segundo o Despacho atrás mencionado, os intervenientes neste processo são os professores, os alunos, o conselho de turma, os órgãos de gestão da escola, o encarregado de educação, o docente de educação especial e outros profissionais que acompanham o desenvolvimento do processo educativo do aluno e ainda a administração educativa.

No mesmo despacho são-nos informadas os diferentes tipos de avaliação que existem (Diagnóstica; Formativa; Sumativa), acrescentando aos mencionados ainda a Teórica e Final. Irei agora abordar individualmente cada uma das avaliações por mim realizadas ao longo do estágio pedagógico.

4.3.1. Avaliação Diagnóstica

O Mestre Paulo Nobre diz-nos que a “avaliação diagnóstica é a forma de averiguar a posição do aluno face a novas e anteriores aprendizagens”, como tal

deve ser feita no início de qualquer processo, antes de qualquer abordagem relacionada com a unidade didáctica em causa.

Para a realização das diferentes avaliações diagnósticas, tive de passar por várias fases ao longo da sua execução. A primeira fase prendeu-se com a construção dos instrumentos utilizados para fazer a recolha dos dados. Após a construção e aprovação do professor orientador, foram definidos os vários elementos de cada uma das unidades didácticas, que seriam alvo de uma avaliação diagnóstica, bem como dos critérios de êxito para cada um desses elementos. Esta tabela estava organizada em colunas, onde cada coluna correspondia um elemento técnico e/ou táctico, onde eram registos sinais que correspondiam a níveis de proficiência. Esses sinais estavam definidos da seguinte forma:

- - - Não realiza;
- - Executa mal;
- +/- Executa com dificuldade;
- + Executa;
- ++ Executa bem.

Após a realização das várias aulas de avaliação diagnóstica onde foram avaliadas as diferentes matérias, e da respectiva recolha dos dados, foi efectuado um relatório para cada matéria, onde foram definidas as aprendizagens dos alunos e os diferentes grupos de nível, de forma a poder assim terminar a fase inicial de construção das unidades didácticas, com a definição de estratégias a adoptar, bem como de metas a atingir.

4.3.2. Avaliação Formativa

O que nos diz Ribeiro (1999), é que a avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução. Continua dizendo que a avaliação formativa é um instrumento poderoso para se conseguir sucesso na aprendizagem, permitindo adoptar, atempadamente, medidas de correcção ou introduzir estratégias alternativas que permitem que alunos com dificuldades recuperem terreno perdido.

Assim, todas as avaliações formativas que realizei, procurei realizá-las sensivelmente a meio do processo ensino-aprendizagem, de forma que após a sua análise e reflexão tivesse tempo de alterar estratégias e conteúdos a abordar. Esta

avaliação consistiu no preenchimento de uma grelha igual à grelha de avaliação diagnóstica, onde constavam todos os elementos abordados até à altura, onde depois em casa transportava os dados qualitativos, para dados descritivos da situação específica de cada aluno.

Em alguns casos, a avaliação formativa permitiu promover alterações relativamente à Extensão e Sequência de Conteúdos inicialmente programada por mim, como foi o caso da Unidade Didáctica de Voleibol.

4.3.3. Avaliação Teórica

A avaliação teórica foi realizada como forma de efectuar uma avaliação do domínio cognitivo dos alunos em cada uma das unidades didácticas abordadas. O instrumento escolhido para esta avaliação foi o teste teórico constituído por grupos de perguntas de vários tipos, objectivas, verdadeiro-falso, de escolha múltipla, correspondência e também de identificação.

Os testes realizados foram diferentes no 1º e no 2º período, com o teste do 1º período a corresponder apenas à unidade didáctica de andebol, enquanto o teste do 2º semestre abordou as unidades didácticas de badminton, ginástica de solo e ginástica de aparelhos. A avaliação recaía sobre os conteúdos, materiais e regras abordados na unidade didáctica e a cada aluno era atribuída uma nota quantitativa de 0% a 100% e um valor qualitativo de não satisfaz a satisfaz muito bem.

Os testes teóricos foram sempre realizados no final das unidades didácticas.

4.3.4. Avaliação Sumativa

Olhando aos diapositivos do Mestre Paulo Nobre na unidade curricular de Avaliação Pedagógica, o mesmo indica-nos que a avaliação sumativa é a valoração de produtos ou processos terminados, ou seja, é um balanço final sobre um todo, que vem confirmar os resultados obtidos na avaliação formativa (Ribeiro, 1999). Diz-nos também que é sempre aplicada no final de uma etapa de uma unidade de ensino e tem como finalidade decidir se o resultado é positivo ou negativo.

Em todas as avaliações sumativas que realizei procurei sempre fazer uma ponte entre a avaliação diagnóstica e esta mesma avaliação, aferindo as

aprendizagens realizadas pelos alunos, e aquelas que estes tinham ainda em atraso.

A grelha utilizada para os registos das várias avaliações sumativas de todas as unidades didáticas abordadas até ao momento, foram bastante idênticas àquelas que foram usadas na avaliação diagnóstica, diferenciando-se apenas num ponto, os registos deixaram de ser qualitativos, e passaram a ser quantitativos (níveis de 1 a 5), de acordo com critérios de êxito por mim definidos e devidamente especificados na folha de avaliação sumativa.

4.3.5. Avaliação Final

Este processo teve lugar no final do 1º e 2º período, e teve como função a atribuição de uma nota (nível de a 1 a 5) certificadora das aprendizagens produzidas pelo aluno, ao longo de todo o ano, até ao momento em que se dá essa nota.

Para realizar esta atribuição de uma nota a cada aluno baseei-me em vários aspectos e não única e exclusivamente na média ponderada ditada pelos resultados da avaliação sumativa da parte da acção. Recorrendo ao Plano Anual de Educação Física e à fórmula que lá vem especificada, foi dada essa mesma nota final. Alguns pontos importantes de referência para a atribuição da nota foram as componentes de Acção e de Conhecimentos, juntamente com a Responsabilidade (onde estão englobadas as componentes “Assiduidade e Pontualidade”, “Higiene e Segurança” e Material), bem como o Respeito, Cooperação e Tolerância e ainda a dimensão de Participação/Empenho, entre outras componentes de menor expressão.

Ainda sobre a componente Avaliação do Estágio-Pedagógico, poderia ter criado uma secção onde falaria da Avaliação Contínua, no entanto não achei pertinente fazê-lo pelo simples facto de que todas estas avaliações são avaliações contínuas e fazem parte da avaliação contínua, pois em todas elas era realizada uma avaliação dos alunos que iam produzindo mudanças naquilo que estava previsto inicialmente relativamente a cada matéria a abordar.

5. Componente Ético-Profissional

A componente que trata da ética profissional de qualquer professor, é algo que norteia o seu trabalho na escola e conseqüentemente no processo Ensino-Aprendizagem, logo é uma parte extremamente importante do desenvolvimento de qualquer professor, ainda mais de um professor estagiário que está a dar os primeiros passos no ensino e que necessita de criar bons hábitos de trabalho e de responsabilidade.

No desenvolvimento deste tema irei abordar de forma individualizada, diversas sub-dimensões intrínsecas à dimensão da ética profissional.

A vertente dos conhecimentos gerais e específicos foi algo com que me preocupei bastante desde início, por vários motivos. Para que pudesse fazer uma intervenção de qualidade em toda a extensão do processo Ensino-Aprendizagem era necessário possuir conhecimentos a toda a linha sobre o papel de professor, para além daqueles que não se aplicam única e exclusivamente ao professor e que se trata de saberes culturais e que todos nós devemos procurar saber. Na questão meramente do professor de educação física tive algumas matérias às quais tinha mais dificuldades, e que me fizeram efectuar uma pesquisa de forma a estar o mais preparado possível quando chegasse o tempo de abordagem da unidade didáctica, para assim poder potenciar as minhas qualidades enquanto professor, mascarar um pouco os pontos menos positivos da minha intervenção enquanto estagiário e assim conseguir produzir mudanças significativas nos alunos. Quanto à vertente mais cultural, foi bastante importante para mim todo um contacto efectuado em toda a escola com vários actores da escola, desde funcionários de acção educativa até a administrativos, passando ainda por outros professores de outras disciplinas para além da educação física, e que me fizeram crescer bastante. Dos professores com os quais tive mais contacto e aprendi mais, para além como é óbvio do professor orientador Fernando Leite, tenho a destacar a directora do 8ºA (turma na qual desenvolvi o estágio), e que muito me ajudou mostrando sempre disponibilidade para me ajudar no meu crescimento.

Como já falei atrás, de forma a melhorar os meus conhecimentos sobre o papel de professor, mais especificamente sobre algumas unidades didácticas que não estava tão à vontade, necessitei de realizar diversas pesquisas e fazer uma auto-formação, no entanto esta auto-formação e pesquisa de informação não se

ficou apenas pelas unidades didáticas. O núcleo de estágio no início do ano, de forma a completar os seus planos de aula da forma mais correcta possível e não restassem dúvidas que nos assolavam, decidimos partir à busca da hierarquização dos diferentes tipos de objectivos existentes. Juntamente a estas duas formas de pesquisa que se traduziram mais numa pesquisa bibliográfica realizei sempre que possível uma pesquisa informal através de diferentes conversas que ia desenvolvendo com os professores estagiários, em forma de debate, bem como com outros professores.

A disponibilidade demonstrada pela minha parte no apoio à escola e aos alunos foi total. Sempre que possível da minha parte compareci na escola e ajudei na promoção e realização de eventos sempre que solicitado pelos professores ou funcionários. Ao longo do ano sempre que algum aluno não pôde realizar qualquer avaliação no dia estipulado por algum motivo de força maior e devidamente justificado, procurei sempre encontrar com os alunos em questão uma data que os mesmos tivessem livre para que pudessemos realizar a avaliação e assim os alunos não saíssem prejudicados. Após o término da unidade curricular de “Organização e Gestão Escolar” procurei sempre que possível da minha parte, estar presente nas aulas de formação cívica, para que pudesse continuar a desenvolver competências enquanto futuro director de turma.

O núcleo de estágio desde a primeira hora se relacionou bastante bem, com professores estagiários todos eles com gostos em comum, o que facilitou bastante a interacção e a criação de laços de amizade que certamente irão perdurar para a vida. Estando já todos os professores estagiários a trabalhar, o sentido de responsabilidade em todos nós era bastante elevado, o que promoveu e facilitou ainda mais o trabalho em grupo. Este trabalho em grupo foi bastante importante ao longo de todo o ano lectivo, com a divisão de tarefas a ser feita, mas nunca dependendo cada tarefa única e exclusivamente a apenas um elemento do núcleo, uma vez que as trocas de opiniões pelos diferentes temas e trabalhos iam sendo dadas e pedidas sempre que fosse pertinente. Todo o núcleo de estágio trabalhou sempre em sintonia e em prol do mesmo, o sucesso de todos!

Quanto à capacidade de iniciativa e responsabilidade, esta é uma característica que me é muito própria, sendo eu uma pessoa que procura sempre desafios novos, que me levem a tentar superar-me e a cumprir tudo aquilo com o

que me comprometi, exemplo disso foi a oportunidade de emprego criada por mim e por mais dois colegas meus no âmbito do futebol, com a apresentação a vários clubes de um projecto inovador na época desportiva 2010/2011, e que no presente ano em virtude da realização do estágio pedagógico, com muita pena minha tive de abandonar, mas não parando aí. Na escola ao longo do ano lectivo fui sempre propondo ao núcleo de estágio a realização de diferentes tarefas e actividades de forma a fazermos um trabalho com cada vez mais qualidade.

A inovação das práticas pedagógicas enquanto individualidade foi um aspecto no qual não me debrucei muito activamente, nem no que diz respeito á dimensão planeamento, nem no que diz respeito à dimensão realização da categoria de actividades de ensino-aprendizagem. Sobre as razões que me levaram a não produzir materiais nem práticas pedagógicas muito inovadoras irei abordar essa questão mais à frente, na reflexão que irei fazer a todo o percurso do meu estágio pedagógico. Quanto à inovação enquanto núcleo no qual estive envolvido, procurámos ter sempre uma inovação naquilo que fazíamos, como é prova o torneio de Tribol que se constituiu como uma novidade na escola.

Ao longo de todo o ano lectivo procurei ser sempre um exemplo para os alunos, pois entendo que o professor deve ser sempre o exemplo daquilo que pretende para a sua turma. Procurei ser sempre o exemplo chegando sempre a horas a todas as aulas, com bastante antecedência de forma a preparar tudo para a realização da aula, de forma a disponibilizar o maior tempo possível de prática e consequentemente de prática específica das matérias abordadas. Procurei também inculcar nos alunos alguns valores de respeito para com os seus pares, professores e funcionários, fazendo-os entender que de uma forma positiva de trabalho todo o processo ensino-aprendizagem sai mais reforçado e se torna mais fácil de realizar e consequentemente atingir as metas propostas.

6. Reflexão Sobre as Actividades de Ensino-Aprendizagem

Ao longo de todo o processo académico que iniciei há sensivelmente 5 anos, poucos foram os momentos nos quais tive um contacto directo com a realidade do professor, em qualquer uma das dimensões do processo Ensino-Aprendizagem, pelo que este ano se revestiu da máxima importância, já que me iria proporcionar um contacto directo e intrínseco a mim mesmo da função de docência.

Todas as fases de docência são bastante trabalhosas e que exigem uma reflexão constante sobre tudo o que se faz, nunca ficando nós com a certeza absoluta se a opção que tomámos foi a mais correcta, visto que o processo Ensino-Aprendizagem é algo que está sempre em constante evolução, e que apesar de uma opção tomada hoje, nos permite que mais para a frente tomemos uma opção completamente diferente, desde que baseemos a nossa opção em avaliações e reflexões prévias.

Irei agora fazer uma reflexão individualizada sobre cada uma das 3 dimensões do processo Ensino-Aprendizagem: Planeamento; Realização; Avaliação.

6.1. Planeamento

A fase de planeamento começou ainda antes do início do ano lectivo e foi uma fase completamente nova para mim enquanto professor estagiário, que não tinha qualquer experiência sobre as diferentes tarefas que era necessário realizar. Este facto levou a que tivesse de efectuar uma pesquisa para que me informasse do trabalho a realizar e de como este devia ser feito.

Aquando da construção do plano anual de turma, iniciei por efectuar uma pesquisa sobre o que devia conter o plano anual, onde reuni vários documentos pertencentes à escola e outros de outros estágios de outras escolas, onde retirei ideias para a construção do meu plano anual.

Este documento ao contrário do que possa parecer, por toda a sua estrutura não foi realizado todo de uma vez, já que contém documentos que foram sendo construídos ao longo do ano lectivo e outras partes foram sendo acrescentadas, de forma a conferir uma maior originalidade e uma maior assertividade dos dados, de acordo com a escola em questão.

Este documento inicialmente foi visto da minha parte como sendo algo que não iria constituir em si uma mais-valia essencial para a consecução do meu estágio-pedagógico, no entanto fui mudando a minha opinião e hoje em dia assumo de uma forma peremptória a valoração da construção deste documento que se revela extremamente útil na altura de leccionação de aulas e construção de outros documentos como é o caso das unidades didácticas e planos de aula, pois informamos das características da escola no que respeita ao nível sócio-económico e cultural no qual está inserida, bem como dos alunos e seus encarregados de educação, o que permite assim que eu melhor conheça a origem de algumas dificuldades dos alunos.

No caso das Unidades Didácticas este documento era algo com o qual já tinha alguma familiaridade de unidades curriculares anteriores, nas quais nos solicitavam a construção de diferentes unidades didácticas, para diferentes matérias. Apesar dessa familiarização com a sua estrutura e conteúdos procurei informar-me mais aprofundadamente junto de professores de educação física e junto de unidades didácticas já construídas acerca do que devia conter na sua estrutura e depois sim iniciei a construção das várias unidades didácticas que iria abordar ao longo do ano lectivo. Aquando da sua realização, abateram-se sempre sobre mim imensas dúvidas sobre se todas as opções que estava a tomar se eram mais correctas e ajustadas para a turma em questão, no entanto tinha sempre a segurança, de que este documento apesar de ser norteador de todo o processo Ensino-Aprendizagem para cada unidade didáctica individualizada, não é um documento estanque que me impeça de produzir mudanças nos seus conteúdos e nas decisões e orientações de condução de aulas, nem de qualquer outra espécie. Este documento tornou-se ainda mais útil pois continha todas as informações necessárias à leccionação das diferentes unidades didácticas, o que me permitia antes da construção de qualquer plano de aula uma consulta deste mesmo documento, de forma a existir uma congruência de informações entre as unidades didácticas projectadas e realizadas e os planos de aula.

Relativamente à sub-dimensão planos de aula, apesar de já conhecer e estar familiarizado com a construção dos mesmos, quando o núcleo de estágio leu o guia de estágio, surgiram algumas dúvidas quanto aos diferentes tipos de objectivos que deveriam constar na sua estrutura. O núcleo efectuou assim uma pesquisa, de forma

a dissipar todas as dúvidas que nos assolavam, passando depois a construir todos os planos de aula de uma forma muito semelhante. A utilidade que este documento possuiu na minha actividade enquanto professor estagiário é dividida no antes e no durante a leccionação da aula propriamente dita. Antes da aula considero que todos os documentos produzidos nesta sub-dimensão foram bastante enriquecedores e úteis na preparação da aula, com a indicação e o estudo de cada um dos exercícios pela minha parte, o que originava uma boa preparação para a aula, no entanto durante as aulas optava por não utilizar muito o documento, preferindo eu ter uma pequena folha com a indicação dos tempos de cada exercício, não me coibindo eu de quando necessário recorrer ao plano de aula para esclarecer qualquer dúvida que me surgisse durante a aula.

Outra grande utilidade do plano de aula para mim foi a criação de rotinas na estrutura da aula, que me levava claramente a ter as aulas bastante bem definidas pelas suas três partes (Inicial; Fundamental; Final), fazendo com que os alunos passado algum tempo estivessem também identificados com o desenrolar das aulas.

Uma orientação dada pelo professor e que constitui uma das aprendizagens realizadas por mim ao longo deste ano lectivo, foi a construção das aulas de quarenta e cinco e noventa minutos, em que nos deu claras instruções para nas aulas de quarenta e cinco minutos ao contrário das restantes, terem poucos exercícios de forma a não ter muitos tempos de transição e assim podermos rentabilizar o tempo de empenhamento motor, criando também poucos exercícios diferenciados para uma mesma unidade didáctica, e tentando sempre que possível não introduzir exercícios novos nas aulas de quarenta e cinco minutos, pois qualquer coisa que seja nova necessita de um tempo de apreensão por parte dos alunos, o que poderá ser prejudicial ao normal desenrolar da aula.

6.2. Realização

Dentro de cada uma das sub-dimensões da dimensão realização, houve sub-sub-dimensões nas quais tive mais dificuldades de realização do que outras.

Na sub-dimensão Instrução, onde revelei mais dificuldades, - mas que foram sendo debeladas ao longo do ano lectivo, encontrando-me agora mais forte nestes aspectos – têm todas o mesmo ponto comum, que foi o comportamento dos alunos que diz respeito à sub-dimensão Clima/Disciplina, mas que irei abordar mais tarde.

Assim explicando agora as dificuldades sentidas nesta primeira sub-dimensão, elas prenderam-se com a informação inicial, os feedbacks e a sua qualidade, e por fim a conclusão da aula. No que respeita à transmissão da informação inicial e na conclusão da aula, senti algumas dificuldades em algumas aulas devido ao comportamento dos alunos, em que passavam muito tempo em conversa, o que levava à perda de algum tempo de empenhamento motor. Adoptei a estratégia de não falar por cima dos alunos, esperando sempre que todos se calassem de forma a transmitir as informações que necessitava. Optei por fazê-lo desta forma pois tanto as informações que passava no início como no fim da aula eram bastante importantes para um conhecimento do que se ia passar na aula (reduzindo os tempos de transição) e para uma reflexão dos alunos sobre a aula, respectivamente. Esta estratégia revelou-se acertada na maior parte das aulas, com os alunos calando-se imediatamente após se aperceberem que aguardava para falar.

Relativamente aos feedbacks tenho a noção que deveria ter melhorado ainda mais neste aspecto, mas uma vez mais em algumas aulas, alguns alunos condicionaram-me, pois obrigavam-me a estar bastante atento aos comportamentos desviantes, limitando assim a minha transmissão de feedbacks. À parte disto, apercebi-me que a minha transmissão de feedbacks se baseava muito nos feedbacks individuais, o que limitava por vezes a minha acção enquanto professor. Apesar destes aspectos melhorei bastante no que a este aspecto diz respeito, mas tenho a consciência que tenho ainda um longo caminho a percorrer.

Relativamente à sub-dimensão Gestão não tive grandes dificuldades, encontrando como ponto positivo as fases de Organização/Transição. Esta fase da aula foi algo com que me preocupei ao longo de todo o ano, especialmente numa fase inicial onde não tinha muita experiência e necessitava ter todos os aspectos da aula controlados, desde os grupos de alunos, à forma como iria ser feita a transição de exercício para exercício, tendo várias vezes nas aulas iniciais definido a distribuição dos alunos por grupo de trabalho, de acordo com um número diferente de alunos que iriam realizar a aula, contando sempre com alguma falta de material, doença ou falta injustificada. Ao longo do ano com uma maior experiência da minha parte deixei de lado esta preocupação, pois a agilidade mental de elaboração de novos grupos de organização das tarefas perante imprevistos foi crescendo, não

necessitando desta preparação prévia de forma exaustiva, preocupando-me mais com os aspectos técnicos e táticos das diferentes matérias.

A sub-dimensão Clima/Disciplina foi aquela que me causou mais dificuldades ao longo de todo o processo Ensino-Aprendizagem, quer pela minha forma de ser, quer pela atitude dos alunos perante as aulas e pela sua (ir)responsabilidade.

Hoje em dia há uma característica comum a todos os alunos, que está intimamente ligada com os problemas que estão presentes na nossa sociedade, desde problemas de emprego a problemas de cariz social e económico que geram a toda a linha da sociedade uma revolta perante a situação vivida no país. Se esta revolta poderá ser notada nas cidades, na escola onde foi realizado este estágio, - que se situa num meio rural, com um poder económico baixo, que vive essencialmente de empresas do sector secundário e terciário e em que as famílias se vêem forçadas a recorrer ao sector agro-pecuário como forma de suprir algumas necessidades, além de ser uma forma de complemento dos rendimentos mensais – esta revolta é mais notada e trespassa dos encarregados de educação para os educandos, fazendo com que os mesmos não tenham um comportamento condizente com um aluno empenhado e interessado em melhorar.

Sendo eu uma pessoa calma, ponderada, reflexiva, que gosta de ter ambiente de colaboração e superação no seu espaço de trabalho e não gostando de tomar atitudes drásticas em qualquer situação, aliado ao comportamento de revolta e de irresponsabilidade dos alunos perante as aulas, gerou atitudes de vários comportamentos desviantes de alunos muito específicos e perante os quais tive de prestar bastante atenção ao longo das aulas.

Estes alunos que estavam referenciados desde a primeira aula foram alvo de uma atenção especial da minha parte, pois não seria possível perder o controlo sobre eles, o que poderia levar a que perdesse também o controlo da restante turma. As atitudes desses alunos foram desde o início do ano de desafio perante a minha autoridade, procurando ser estes o centro da atenção perante a restante turma. Estes comportamentos levaram-me a mudar um pouco a minha atitude e ser intransigente perante comportamentos que motivassem a minha perda de autoridade e a perda do foco da turma na tarefa, recorrendo várias vezes aos artigos expostos no regulamento interno da escola, que indicam como forma de punição para o aluno, a ida até à biblioteca de forma a realizar um trabalho ordenado pelo professor, e em

que no caso da educação física, procurei sempre pedir um trabalho que estivesse relacionado com a matéria em questão que estaria a ser tratada na aula.

Penso que me encontro bastante mais preparado neste momento do que me encontrava no início deste ano lectivo. Julgo ainda que estes comportamentos ainda que indesejados, acabaram por ser importantes no meu desenvolvimento enquanto professor já que me fizeram progredir bastante no controlo da turma.

Sei que o ideal no ano de estágio seria ter uma turma bastante bem comportada, cumpridora e que não registasse comportamentos desviantes, para poder desenvolver um trabalho de fundo onde a preocupação maior e quase exclusiva se prendesse com aprendizagem dos alunos, no entanto esta experiência deixa-me mais preparado para um dia que apanhe uma turma de difícil controlo, pois saberei como reagir perante diferentes situações, ao contrário do que aconteceria caso não tivesse tido este tipo de experiência.

Ainda na sub-dimensão Clima/Disciplina importa ainda falar da sub-sub-dimensão Comunicação. Antes do início desta aventura que foi o estágio pedagógico, tinha bastante receio no que à parte de comunicação e exposição de conteúdos diz respeito, pois não estava habituado a falar para grupos grandes, no entanto havia algo que me dava conforto que era o saber bem todas as matérias (ainda que as que não soubesse a fundo, tenha efectuado uma pesquisa). Após a primeira aula, o receio que tinha tornou-se numa confiança pois demonstrei na primeira aula, que tendo as coisas bem preparadas seria fácil estabelecer a comunicação com os alunos.

Na comunicação com os alunos para que promovesse uma maior aprendizagem dos mesmos perante as diferentes matérias e sua terminologia, adoptei uma estratégia aprendida no primeiro ano do meu percurso académico na unidade curricular de ginástica, e que se tratava de após usar uma terminologia corriqueira, introduzir a terminologia científica correcta.

6.3. Avaliação

Irei agora fazer uma reflexão sobre tudo aquilo que tive dificuldade/facilidade, e aprendizagens efectuadas na abordagem de cada uma das sub-sub-dimensões da sub-dimensão Avaliação, e são elas a Avaliação Diagnóstica, Avaliação Formativa e Avaliação Sumativa.

Começando pela avaliação diagnóstica, já que esta foi, é, e sempre será a primeira a ser realizada ao longo de um ano lectivo, posso dizer que tive diversas dificuldades e poucas facilidades na generalidade das matérias. Esta situação ficou-se a dever essencialmente ao facto de esta ter sido a primeira avaliação por mim realizada no âmbito do estágio, bem como da minha vida enquanto avaliador externo. Relatando agora as dificuldades que senti estas prenderam-se com vários pontos ao longo de todo o processo de avaliação diagnóstica que foi desde a criação da grelha de avaliação e terminando no relatório desta mesma avaliação.

Fazendo uma reflexão por ordem cronológica a primeira dificuldade que me surgiu foi a construção da grelha de registo, uma vez que não tinha nenhum contacto com este processo e não sabia qual seria a melhor forma de construção de uma grelha para este tipo de avaliação, que me facilitasse o registo dos vários elementos, para que me conferisse o máximo de validade à avaliação, após a construção e conversa com o professor orientador da escola e a sua indicação de uma grelha correcta com um sistema de recolha simples, a dificuldade seguinte pôs-se com o registo dos dados de todos os alunos. Eu não tinha qualquer experiência na recolha destes dados, pelo que nas primeiras avaliações efectuadas o tempo despendido em cada um dos elementos avaliados foi bastante maior e exagerada relativamente a outras avaliações que foram feitas mais à frente, já com alguma prática. Seguindo no tempo e no processo da avaliação diagnóstica, a próxima paragem no trilho das dificuldades fez-se após a recolha dos dados, e prendeu-se com a assertividade dos mesmo, pois não tinha a certeza absoluta de serem os mais correctos, apesar de todo o meu empenho e atenção despendida na aula de forma a poder ter os dados mais fidedignos possíveis, a dúvida era sempre constante após cada avaliação diagnóstica já que a prática era praticamente nula e não convinha errar de forma grosseira neste aspecto, pois seria a partir dele que se iria fazer a construção do planeamento anual de turma, onde iria dividir o número de aulas disponíveis pelas diferentes unidades didácticas. Apesar do meu receio de errar na avaliação diagnóstica ao longo da abordagem das várias matérias verifiquei que isso não se registou de uma forma massiva, errando apenas em pontos pontuais da avaliação, o que não causou transtornos uma vez que a programação era feita tendo em conta o nível geral da turma e nunca na individualidade de um aluno. A paragem final nesta viagem foi feita na elaboração do relatório de avaliação diagnóstica,

construído após a recolha dos dados, fazendo uma análise aos mesmos e a minha maior dúvida e dificuldade estava em saber como devia ser feita esta construção, se teria de analisar caso a caso, ou uma análise no global da turma. Após algumas conversas com o orientador da escola, achei que a melhor forma seria uma análise global da turma, até porque como já disse atrás a finalidade desta avaliação é saber o nível em que se encontra a turma no geral para se poder organizar a extensão e sequência de conteúdos e não o nível de cada aluno de uma forma individualizada.

Passando agora à Avaliação Formativa, nesta já se encontram algumas facilidades que tive na realização da mesma. Este acontecimento já era de esperar, pois já tinha alguma experiência em avaliação o que me fazia estar mais preparado. Assim, uma vez mais por ordem cronológica a primeira facilidade que tive foi na escolha da data para a realização deste tipo de avaliação. Este tipo de avaliação serve para aferir as aprendizagens realizadas pelos alunos até ao momento, e serve como uma certificação do processo ensino-aprendizagem, ou pelo contrário caso as aprendizagens não estejam a surtir efeito no tempo pretendido, serve como um corrector das programações efectuadas, de forma a conferir-lhe uma correcção mais acertada, para que se consigam produzir mudanças nos alunos relativamente a determinada matéria. Por tudo isto, convém que esta avaliação seja realizada sensivelmente a meio do processo ensino-aprendizagem de forma a oferecer tempo ao professor, caso necessite de alterar a programação inicialmente feita, em função das aprendizagens dos alunos até ao momento. Assim, procurei introduzir a meio da extensão e sequência de conteúdos esta mesma avaliação. Outra facilidade que tive foi na avaliação da componente sócio-afectiva visto que esta é uma componente que salta à vista de qualquer professor ao longo de todas as aulas, e na altura das avaliações formativas já tinha uma noção bem clara do comportamento dos alunos e do seu empenhamento e interesse perante a escola e essencialmente perante a disciplina de educação física, e ainda mais particularmente perante as diferentes matérias. A única dificuldade que tive ao longo deste tipo de avaliação, ou pelo menos a única que achei relevante expor aqui, pois foi aquela que me incomodou mais e me colocou mais dúvidas foi a transposição dos dados de uma grelha de registo qualitativo, para uma grelha descritiva das dificuldades de cada aluno. Esta parte deu-me bastante trabalho e exigiu bastante de mim, de forma a lembrar-me

qual seria a dificuldade de um ou outro aluno em determinado movimento, já que aquando do registo dos dados, apenas registo a qualidade do movimento, não indicando qual ou quais as componentes críticas do movimento na(s) qual/quais os alunos tem dificuldade.

A última avaliação a ser realizada foi a avaliação sumativa, que serviu como certificação final das aprendizagens dos alunos e da concretização das metas traçadas inicialmente e que possam ter sido alteradas a meio do processo ensino-aprendizagem de uma matéria, levando sempre em linha de conta as avaliações formativas, além das restantes aulas.

Na realização desta avaliação utilizei a mesma grelha que tinha usado nas duas anteriores avaliações, pois já estava familiarizado com o sistema de registo e seria mais fácil fazer a recolha dos dados. A única alteração produzida foi a alteração do tipo de classificação, deixando de ser qualitativa para passar a ser quantitativa, pois é assim que funciona a avaliação final dos períodos e como tal seria mais fácil fazer a transposição dos resultados.

Esta avaliação revelou-se na prática muito fácil de realizar no que diz respeito ao registo dos dados pois já conhecia a matéria a fundo, além de que já tinha o olho mais treinado para aquilo que necessitava de captar. À excepção de alguns alunos em situações muito específicas em que por vezes estava na dúvida entre uma nota classificativa e outra, no entanto este facto ocorreu em elementos muito específicos da matéria, e a variação de um valor nesse elemento não iria influenciar a subida ou descida da nota final.

7. Reflexão sobre a Componente Ético-Profissional

Ao longo de todo o estágio houve trabalhos que necessitaram de um empenho mais individual e outros de um empenho mais em grupo enquanto núcleo de estágio, no entanto mesmo os trabalhos individuais tiveram todos um pouco do grupo também, por toda a reflexão e discussão feita pelo núcleo em torno de vários documentos e de vários pontos de dúvida.

A componente da ética-profissional é uma componente tão importante como a componente do processo ensino-aprendizagem, pois é esta que vai dar ao processo ensino-aprendizagem bases de responsabilidade e reflexivas para nortear o processo ensino-aprendizagem.

Assim os dois pontos que irei abordar (trabalho individual e trabalho em grupo), irão ser os dois pilares de toda a acção que já realizei e voltarei a realizar enquanto professor.

7.1. Importância do Trabalho Individual

No que respeita ao trabalho individual vou procurar fazer uma reflexão sobre a inovação introduzida no meu trabalho, bem como toda a responsabilidade que tive de ter ao longo de todo o estágio pedagógico.

No que respeita à responsabilidade, só o facto de ter jovens sob a minha alçada e poder contribuir para a formação de uma parte de uma geração, que se espera seja bastante útil ao país no futuro foi algo que me encheu de orgulho mas ao mesmo tempo consciente de que teria de preparar tudo ao mais ínfimo pormenor para que do que dependesse de mim nada falhasse na formação destes futuros adultos, quer ao nível cognitivo e motor, quer ao nível - e essencialmente neste – sócio-afectivo. Para além deste tipo de responsabilidade inerente a qualquer pessoa que oriente e guie crianças e jovens, tinha também a responsabilidade que estava intimamente ligada com a função de professor que se prendia com o processo ensino-aprendizagem das diferentes matérias. Neste aspecto sinto-me bastante satisfeito com a forma como o professor orientador da escola conduziu este processo, oferecendo-nos a nós estagiários uma total tomada de decisão em tudo o que quiséssemos realizar nas aulas, bem como fora delas. Este facto considero que tenha sido bastante produtivo uma vez que daqui para a frente não teremos ninguém

para nos orientar a não ser os colegas de escola no futuro, mas que não nos orientaram, mas sim poderão tirar algumas dúvidas e questões dilemáticas, como tal seria importante neste ano realizarmos um trabalho bastante independente e ao mesmo tempo que estava associado a um orientador, estava também dissociado deste.

Quanto à capacidade de iniciativa, que pode ser entendida como a inovação em termos pedagógicos introduzida por mim, não tive muito espaço para a fazer pois a turma era bastante desordeira, o que me obrigava a não poder realizar bastantes inovações no que à prática pedagógica dizia respeito, em virtude de perder o controlo da turma.

7.2. Trabalho em Grupo

No respeitante ao trabalho de grupo irei novamente abordar o aspecto da inovação, bem como da responsabilidade, tanto do grupo como minha individualmente, que obviamente é intrínseca à do grupo.

Na parte respeitante à inovação, o grupo em termos de documentos não trouxe uma grande inovação relativamente a outros que já tinham sido criados, pois achámos nós que apesar de gostarmos de imprimir o nosso cunho pessoal naquilo que fazemos, não seria necessário fazer uma intervenção de fundo relativamente a documentos produzidos anteriormente, pelo que fizemos alterações de *design* e poucas alterações estruturais. As maiores inovações efectuadas pelo grupo enquanto núcleo ficaram patentes nas duas actividades realizadas. Tendo na primeira actividade introduzido apenas pequenas mudanças na organização da mesma, alterações essas que foram muito bem recebidas por parte da comunidade escolar, na segunda actividade demonstrámos querer inovar e deixar aí sim a nossa marca na escola enquanto núcleo e realizar uma actividade que foi uma novidade na escola e que chamou a participação de toda a comunidade escolar.

Tal como já referi no trabalho individual, o professor orientador deixou-nos completamente à vontade para trabalharmos enquanto grupo, colocando-se à parte, para que pudéssemos ser nós a resolver os problemas que iam surgindo, mas mostrou-se sempre disponível e pronto a ajudar sempre que solicitávamos a sua ajuda. Este facto tal como no trabalho individual foi bastante prazeroso pois apesar de nos encher de responsabilidade de não falhar, foi muito estimulante o podermos

criar nós um trabalho de raiz e inovador na escola, que saiu todo de nós, não tendo bases de anos anteriores.

Esta responsabilidade fez-nos crescer e levou-nos para outro patamar em termos do trabalho de grupo enquanto alunos ao longo do processo académico.

Para além da responsabilidade enquanto núcleo importa ainda falar da responsabilidade que tive de ter perante o grupo, pois a definição de tempos limite para produção de trabalhos assim o exigia, de forma a não deixar ficar mal o restante grupo de trabalho, tendo todos os materiais sempre prontos dentro dos tempos definidos. Este facto registou-se com todos os professores estagiários ao longo de todo o ano na consecução de vários documentos como foram o caso dos projectos das actividades, o plano anual de turma que contava com uma parte comum a todos nós, assim como as unidades didácticas que também contêm uma parte que poderia ser produzida em comum e que nós assim fizemos fazendo uma divisão de tarefas.

8. Formação

8.1. Dificuldades sentidas e formas de resolução

O plano anual de turma foi a primeira dificuldade sentida na realização do estágio, visto ser a primeira actividade a realizar, e não ter experiência nenhuma no que ao ambiente escolar diz respeito, tal como na construção deste documento. A forma que encontrei de resolução foi a leitura do guia de estágio, onde se encontravam bastante explícitos, todos os materiais que o plano anual de turma devia conter. Após a sua leitura do guia de estágio a tarefa seguinte foi ler vários documentos do género de anos anteriores e de vários professores, para perceber de uma forma mais profunda o que deveria estar explícito em cada um dos pontos da estrutura. Depois de toda esta pesquisa foi fácil a construção do plano anual, uma vez que todo o núcleo se dividiu na consecução das diferentes tarefas, sabendo já cada um o que devia abordar em cada ponto.

Depois de ter grande parte do plano anual de turma construído chegou a vez de me debruçar sobre o planeamento anual de matérias, e foi extremamente complicado fazer a sua divisão. Após contar o número de aulas que teria disponíveis até final do ano, cabia-me a mim destinar o número de aulas disponíveis a cada matéria, de acordo com o seu grau de proficiência, na regra de que quanto maior a proficiência, menor seria o número de aulas de abordagem dessa mesma matéria. Esta tarefa originou-me muitas dúvidas sobre se o que estaria a programar seria o correcto, se a distribuição das matérias ao longo do tempo seria correcta, se o número de aulas para determinada matéria seria a indicada para produzir mudanças nos alunos, entre outras. Todas estas dúvidas ninguém me conseguia tirar, pois sem antes aplicar o planeado nunca saberia se teria resultado ou não, então parti para a luta e para o terreno aplicar o que tinha planeado, sempre com a salvaguarda de que aquele documento não era estanque, e que a qualquer altura do ano poderia ser alterado.

A dificuldade maior que senti após a criação do planeamento anual, foi imediatamente a seguir, que foi a Extensão e Sequência de Conteúdos onde voltei a ter imensas dúvidas de qual a ordem dos elementos a abordar, mas essencialmente sobre o número de aulas necessário para produzir mudanças nos alunos, em cada um dos elementos que pensava abordar. Questionei o professor orientador,

pesquisei junto de colegas e também em outros documentos das várias matérias, para tentar dissipar as dúvidas ao máximo, o que em relação à sequência de conteúdos a abordar ficaram praticamente debeladas. Já quanto ao número de aulas necessárias para cada elemento as dúvidas mantiveram-se. No entanto uma vez mais este era também um documento que não era fechado e permitia alterações ao seu conteúdo, ao longo do ano, facto este que me voltou a dar confiança maior para a realização do processo ensino-aprendizagem, pois sabia que qualquer erro relativamente a esta matéria, que fosse percebido por mim, estaria sempre a tempo de o alterar, corrigindo-o.

A dificuldade seguinte foi já dentro da dimensão da realização, e foi o comportamento dos alunos. Apesar de eu já ter dois anos de experiência de treino de uma equipa de futebol, aquando do início do estágio, onde comunicava com os atletas quase diariamente, a realidade escolar é completamente diferente. Os alunos não estão tão motivados para a prática da educação física, como os atletas estão para o treino, além de muitos deles não gostarem de diversas matérias e até alguns deles não gostarem inclusivamente de educação física. Este facto da motivação aliado à natural rebeldia de alguns alunos nesta idade, e de outros de uma falta de respeito para com os seus pares e com o professor, dificultaram-me a tarefa de docência. Este facto obrigou-me a reflectir bastante em casa após as aulas, sobre o que tinha corrido bem e mal neste aspecto ou que o pudesse ter influenciado, criando estratégias prévias para determinados comportamentos, no entanto como a tarefa de leccionar não é uma receita de um bolo, em que as doses são todas medidas e seguindo o estipulado já se conhece previamente com alguma segurança o resultado final, não sabia bem se essas estratégias idealizadas por mim, e outras sugeridas pelo professor orientador iriam atingir o objectivo pretendido. O que foi possível verificar é que umas vezes sim, outras nem por isso, assim ao longo de todo o ano fui experimentando várias punições e estratégias num processo de tentativa-erro, já que para isto é que também serve o estágio, para errarmos e crescermos.

A transmissão de feedbacks foi uma preocupação minha ao longo do ano lectivo, e foi intensificada a partir do momento em que o professor orientador da escola me fez chegar a avaliação intercalar, onde vinha claramente explicitado que este deveria ser um ponto a trabalhar na fase de realização das aulas. Sendo este

um ponto débil do trabalho - apontado pelo professor orientador - de todos os estagiários integrantes do núcleo, este decidiu criar grelhas de avaliação deste subdomínio da dimensão realização, e fazer uma observação apenas do aspecto dos feedbacks que iam sendo dados ao longo da aula, de forma a poder tirar ilações do trabalho desenvolvido e do esforço que todos nós estávamos a ter.

Foram feitas duas observações, com um intervalo de tempo grande, que permitiu aos professores estagiários após receberem a primeira observação pudessem reflectir sobre a mesma e trabalhar os aspectos que achavam mais necessários.

As grelhas construídas e utilizadas pelo núcleo de estágio encontram-se em anexo.

8.2. Formação Contínua

Muito se tem falado recentemente sobre a avaliação de professores de forma a progredirem na carreira. Para mim este pressuposto é de simples compreensão e de muita utilidade, pois ao realizar uma avaliação esta é quase como que uma reflexão sobre os pontos fortes e os pontos menos fortes de um qualquer professor. Assim esta avaliação permitirá ao professor que uma avaliação externa lhe indique pontos onde deveria melhorar de forma a ser mais forte e consistente na sua tarefa de docência.

Os benefícios de uma formação contínua são enormes e não se esgotam em palestras ou formações, que muitas vezes para alguns professores apenas servem como cumprimento de pressupostos legais. Na minha óptica uma formação contínua encerra em si diversos pontos positivos, como sendo um contínuo evoluir por parte do professor, na busca incessante pela perfeição, apesar de sabermos que a perfeição não existe, mas quem a procura está sempre mais perto dela.

Uma forma de continuarmos a evoluir nesta tarefa da docência será a procura imediata de uma continuação no próximo ano lectivo daquilo que foi este estágio pedagógico, ou seja, procurarmos uma colocação em algum estabelecimento de ensino, pois só assim sem fazer uma paragem prolongada é que poderemos fazer uma evolução continuada e de fundo, melhorando todos os aspectos menos positivos que temos na nossa intervenção enquanto professores. Esta situação não

depende única e exclusivamente de nós, mas depende muito de nós e da nossa perseverança.

Por fim devemos procurar sempre uma informação actualizada sobre as diferentes matérias que estamos a leccionar, pois sabemos que todas as modalidades e as suas regras estão sempre em constante evolução, pelo que devemos procurar informar-nos sobre essas mudanças para que durante o processo ensino-aprendizagem este não contenha erros nem mensagens erradas, muito menos conteúdos técnico-tácticos.

9. Questões Dilemáticas

9.1. Jogos Lúdicos como Aquecimento

Relativamente aos Jogos Lúdicos como aquecimento o meu dilema prende-se com o facto de esta prática na maior parte dos jogos não ser considerada como tempo de empenhamento motor específico da matéria que iremos abordar na parte fundamental da aula.

Há alguns professores de educação física que indicam que a aula deve ser o mais direccionada de acordo com a matéria que estamos a abordar, implicando necessariamente o aquecimento de uma forma específica relacionada com a matéria.

Olhando às finalidades da educação física constantes do Programa Nacional de Educação Física para o 3º Ciclo e Secundário temos que uma dessas finalidades prende-se com o gosto pela prática, e diz-nos assim “Promover o gosto pela prática regular das actividades físicas e assegurar a compreensão da sua importância como factor de saúde e componente da cultura, na dimensão individual e social.”, outra é “Melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno.”. Pensando um pouco nestas duas finalidades, e existindo muitos alunos que não gostam de determinada matéria, não realizando aulas por vezes dando uma desculpa ao professor, acho da maior importância que no início de cada aula existam jogos que motivem a prática dos alunos e os façam empenhar-se.

Ao longo da minha prática pedagógica, optei sempre por colocar jogos lúdicos na parte inicial das aulas, em detrimento de aquecimentos mais técnicos e específicos da modalidade pois os alunos não se sentem motivados para estes. Além dessa parte, penso importante no ano de escolaridade em que desenvolvi este ano de estágio (8º ano), os alunos estarem em altura de brincarem um pouco e se divertirem, não encarando as aulas como um local rígido onde irão ter de estar todo o tempo, sérios. Para combater este cenário, os jogos lúdicos são bastante motivadores, desafiadores e promovem nos alunos uma competição saudável que os fará por momentos divertirem-se ao mesmo tempo que estão em prática.

Termo este ano de estágio com a clara noção de que os alunos se sentem muito mais motivados para este tipo de jogos do que para exercícios mais

específicos iniciais, além de que a aula ganha outro ritmo e vivacidade pois os alunos partem para a parte fundamental mais enérgicos e activos, fomentando uma melhoria dos elementos da parte fundamental.

9.2. Percurso Académico – Pouca Prática Pedagógica

Esta dilema encontra-se aqui pois é um dos temas com que mais me tenho debatido comigo mesmo sobre a organização dos planos de estudos das faculdades, a partir da entrada em vigor do processo de Bolonha, em que o tempo de contacto com os professores é menor e existe um período temporal da unidade curricular destinado á pesquisa e trabalho realizado em casa. Se este processo em cursos eminentemente teóricos não terá grande influência na preparação com que os alunos saem das faculdades, em relação a cursos eminentemente práticos como é o caso das Ciências do Desporto isso já não acontece.

Penso que seria de extrema importância inverter esta situação, pois os alunos como futuros professores deveriam passar, ao longo do seu percurso académico, por diversas situações de prática pedagógica, pois assim estariam mais preparados para a realização do estágio-pedagógico e conseqüentemente desenvolverem um trabalho de fundo com ainda maior qualidade do que aquele que já fazem.

Penso que esta frase do Professor Manuel Sérgio é exemplificativa daquilo que me aflige “O treino deve estar errado. Um tipo para aprender piano, toca piano. Se anda às voltas ao piano e não toca piano, nunca mais lá vai. Portanto, se calhar, o treino de futebol devia ter a bola.”, e o mesmo se aplica ao ensino, em que se alguém no seu percurso académico com vista à sua formação como professor, este deveria não apenas fixar-se na parte teórica, mas sim também na prática, e termino este dilema citando uma vez mais o Professor Manuel Sérgio “Quem só teoriza não sabe. Quem só pratica repete. O saber nasce da conjugação da teoria e da prática”

9.3. Carga Horária Reduzida → Educação Física Teórica

Vivemos numa sociedade em que todos os dias surgem notícias sobre o nível de obesidade da população, em que todos os dias se fala da pouca prática de actividade física, e em que todos os dias é feito um ataque feroz a um dos poucos momentos que muitos dos nossos alunos tem de prática de actividade física ao longo da semana.

As directrizes do American College of Sports Medicine apontam como o limite mínimo para o desenvolvimento de uma das finalidades da Educação Física – Melhorar a aptidão física, elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento do aluno – a realização de actividade física controlada e supervisionada durante pelo menos 3 dias não consecutivos, sob pena de não se cumprirem os princípios do treino e o desenvolvimento da Aptidão Física na perspectiva da Saúde.

Pela minha experiência ao longo deste ano lectivo e de conversas que fui tendo com colegas que também se encontram a desenvolver o estágio pedagógico, deparei-me com a colocação de aulas de educação física em apenas dois dias ao longo da semana, respeitando o limite mínimo de tempo (135 minutos), mas não respeitando os princípios do treino atrás mencionados.

Ora, havendo muitos alunos que só tem contacto com qualquer actividade física nas aulas de educação física, e desenvolvendo-se esta em apenas dois dias ao longo da semana, não me parece pertinente que haja a possibilidade de desenvolvimento de aulas teóricas da disciplina (exceptuando casos excepcionais e pontuais por falta de espaço). Estas aulas teóricas só irão retirar tempo de prática que permita a consecução de todas as finalidades da educação física, fazendo com que não se atinjam os seus pressupostos gerais.

Parece-me urgente rever este ponto, revendo também a importância dada pelo currículo à educação física, numa altura em que os níveis de obesidade e sedentarismo atingem níveis preocupantes e estudos indicam que fica mais barato um investimento no desporto por parte do estado pois reduz os custos relacionados com a saúde.

10. Aprofundamento de Tema/Problema

O tema por mim escolhido para a abordagem neste relatório de estágio é um tema que sempre me suscitou grande interesse, e ao mesmo tempo uma dúvida quanto à sua aplicação e como deveria ser feita nas escolas. O tema em questão é a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no ensino regular.

Irei abordar o tema fazendo primeiro uma revisão de definições de conceitos, onde vou explicitar e diferenciar as várias definições dadas para alunos com Necessidades Educativas Especiais, bem como de tudo aquilo que lhe está relacionado. Depois irei fazer uma síntese histórica de todas as fases por que passaram os deficientes de qualquer tipo, até chegar aos dias de hoje. Continuarei o desenvolvimento deste tema falando sobre as adaptações feitas ao currículo para estes alunos e como elas acontecem. De seguida irei explicar o que é a Educação Física Adaptada e irei expor as principais dificuldades sentidas pelos professores na integração de alunos com N.E.E.. Por fim falarei da forma como se procede à avaliação de alunos com NEE e também das estratégias de ensino usadas com estes alunos.

10.1. Definição de Conceitos

Começando por uma definição de deficiência, para a Organização Mundial de Saúde a deficiência mental é “um desenvolvimento incompleto ou insuficiente das capacidades mentais”.

No que respeita a dificuldades de aprendizagem, a definição que tem recebido um maior consenso por todos os especialistas, é a do *Comitee on Handicapped Children* que diz que “As crianças com dificuldades especiais de aprendizagem apresentam perturbações num ou vários processos psicológicos básicos relacionados com a compreensão ou a utilização da linguagem escrita ou falada. Estas perturbações, que podem manifestar-se nos processos da atenção, raciocínio, fala aprendizagem de leitura, escrita ou aritmética, têm sido identificadas como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia, afasia de desenvolvimento, etc., mas não se identificam com os problemas de aprendizagem primariamente resultantes de deficiências visuais ou auditivas, deficiência mental, distúrbios emocionais ou ambiente desfavorável” [citado por Stephen C. Larsen e Maria Antónia Abrunhosa em «Dificuldades de Aprendizagem: processos de avaliação e de programação», in *Psicologia* (1981, Vol. II/III, pág. 187)].

Em 1971, Gulliford criou uma categorização para as NEE, onde estas se podem dividir segundo várias dificuldades apresentadas pelo portador das mesmas. Esta divisão está feita da seguinte forma:

- Dificuldades Emocionais;
- Handicap intelectual;
- Dificuldades específicas de aprendizagem;
- Dificuldades de comunicação;
- Diferenças sociais e culturais;
- Handicap auditivo;
- Handicap visual;
- Handicap físico;
- Deficiência múltipla

Tentando ultrapassar alguma relatividade que esta categorização das deficiências conferia aos portadores da mesm, o *Warnock Report* propõe uma definição mais concreta, em que Necessidades Educativas Especiais são aquelas que exigem a construção de meios especiais de acesso ao currículo através da utilização de equipamento especial, facilidades ou recursos, modificações do envolvimento físico ou técnicas de ensino especializado; A elaboração de um currículo especial ou modificado; Atenções especiais no que diz respeito à estrutura social e ao clima emocional em que decorre o processo educativo, e estas são definidas olhando para cada caso em especial.

Um pouco mais tarde Brennan em 1985 definiu a forma como surgem estas NEE, “uma NEE existe quando qualquer incapacidade, seja ela física, sensorial, intelectual, emocional ou social afecte o processo de aprendizagem, de tal forma que um ou todos os meios de acesso ao currículo, isto é, as condições adaptadas de aprendizagem se tornam necessárias para que o aluno possa ser submetido a um processo educativo adequado e eficaz.”

10.2. Revisão Histórica da Educação Especial

Ao longo da história da Humanidade, a problemática da deficiência não tem sido abordada sempre da mesma forma, sofrendo alterações de fundo ao longo dos tempos. Os seus períodos podem ser divididos em cinco diferentes, em que os deficientes eram vistos de diferentes perspectivas, bem como o seu lugar na sociedade. Os cinco períodos da história nos quais se divide a problemática da deficiência são: Separação, Protecção, Emancipação, Integração e Inclusão.

Separação

A separação era concretizada por duas vias, e consistia no afastamento do indivíduo com deficiência do contexto social da época;

- A ANIQUILAÇÃO - eliminação por selecção natural e extermínio, pois o deficiente era considerado como um perigo;
- A VENERAÇÃO - a visão do sobrenatural e o reconhecimento de capacidades de comunicação com os deuses (divinização);

Protecção

Esta concepção surgiu aliada ao desenvolvimento das religiões monoteístas. Após esta concepção se ter difundido foram criados vários hospícios que tinham como característica prestarem uma assistência aos deficientes.

Após algum tempo, e com a valorização que começou a ser dada ao trabalho produtivo, a Rainha Isabel I criou uma lei que veio trazer um grande relevo à necessidade de aprender por parte dos deficientes, à excepção daqueles que não pudessem de maneira nenhuma trabalhar.

Emancipação

Esta nova perspectiva é um ponto de viragem absoluto para as pessoas portadoras de deficiência, pois veio criar-lhes pré-condições para a organização da Educação Especial, o que conseqüentemente despoletou a criação de dispositivos legais que os considerassem cidadãos de pleno direito, tal como todos os outros.

Esta nova forma de ver os deficientes iniciou-se com um trabalho educativo mais pormenorizado, mas que colocava muitas esperanças no Ensino Especial, esperando que através deste fosse possível reverter os males da deficiência.

Houve um revés ao longo desta perspectiva, mas que não deitou por terra tudo o que tinha sido conseguido até ao momento. Com o aparecimento de estudos que demonstravam que a deficiência era algo irreversível em alguns dos casos, deixou-se de acreditar nos poderes da Educação Especial deixando-se de investir no estudo dos métodos de ensino para estes alunos.

Integração

Dois grandes pontos de vista eram defendidos nesta altura. A integração de crianças deficientes no sistema normal de ensino vs integração em escolas de ensino especial mas como participação activa na vida social.

Os defensores da integração em escolas regulares diziam que esta era a melhor estratégia pois havia necessidade de retirar ênfase ao impacto do isolamento; Redução de custos ao nível dos serviços de atendimento; Individualização do ensino, dando atenção ao desenvolvimento da Criança na sua totalidade, não esquecendo as áreas social e emocional; Crítica à criação de um envolvimento isolado, protegido e que não contribui para a aceitação social e para a integração da Criança.

Por outro lado os defensores da integração em escolas de ensino especial indicavam que esta era a melhor opção pois a aceitação e a compreensão das pessoas com deficiência não acontece só através de oportunidades de interacção com os indivíduos ditos normais; A prática pedagógica com um elevado número de alunos, a heterogeneidade das turmas não contribuem para a individualização do ensino e para a satisfação dos jovens com N.E.E. O nível de expectativas muito elevado conduz ao insucesso escolar. O efeito contrário poderá resultar numa menor preparação do indivíduo para o mundo do trabalho.

Foi neste tempo também que se aboliu a definição deficientes, substituindo-a por crianças/jovens com necessidades educativas especiais.

Surgiu ainda o conceito de normalização definido da seguinte forma por Mikkelsen "...Não significa tornar o indivíduo com deficiência num indivíduo normal, mas sim criar condições de vida de forma a que, tanto quanto possível, estas sejam semelhantes às condições dos outros elementos da sociedade, utilizando para tal uma grande variedade de serviços existentes na sociedade..." (Mikkelsen, 1978).

10.3. Definição do Currículo face aos alunos com N.E.E.

Como já foi falado anteriormente, as crianças com Necessidades Educativas Especiais necessitam que se promovam alterações ao currículo segundo aspectos concretos, para que estes também possam atingir as metas definidas para si. Assim importa explicar um pouco mais como estes currículos são construídos, quais os objectivos normalmente definidos, quem participa na concretização desse currículo e os métodos e estratégias utilizados pelos professores para o atingir dos objectivos definidos.

Fontes utilizadas, para a construção dos currículos

As principais respostas dadas pelos professores a questões relacionadas com as fontes utilizadas, remetem para a experiência profissional e a auto-formação dos técnicos como sendo a principal arma para a construção desses currículos. Juntamente a estes surge nas escolas de ensino regular uma tendência de uso do programa oficial também como um referencial importante.

Objectivos prioritários no currículo

Estes objectivos têm uma parte em comum entre as escolas de ensino regular e as escolas de ensino especial, e uma outra parte em que os principais objectivos se dispersam.

Então temos como pontos em comum a criação de condições que desbloqueiem e facilitem a aprendizagem, um ênfase colocado ao nível das aprendizagens básicas, além de promoverem um ensino individualizado.

Na parte divergente destas opiniões surgem diferentes perspectivas do que é o melhor para o aluno, com os professores do ensino especial a terem como um dos objectivos principais na concretização desse currículo diferenciado, o sucesso escolar, enquanto os professores do ensino regular se preocupam em dotar os alunos de *skills* que promovam a autonomia e a integração social.

Intervenientes na elaboração dos programas

São principalmente o professor do grupo quando se trata de instituições, ou o professor de apoio no caso das equipas de educação especial. Aparecem algumas referências no que respeita à intervenção de psicólogos, mas é de salientar a não importância de participação dos pais na construção desses mesmos currículos.

Métodos e estratégias para atingir os objectivos

É consensual entre todos os professores envolvidos neste tipo de ensino, quer seja em instituições, quer seja em escolas de ensino regular que uma das principais armas para uma boa aprendizagem dos alunos com N.E.E. é a relação afectiva que se desenvolve com o aluno, de forma a fazê-lo sentir-se importante.

10.4. Educação Física Adaptada

A educação física adaptada (E.F.A.) tem passado por diversas fases com diversas concepções e preocupações.

Na fase 1 que correspondeu a uma visão médica e orientadora da prática, a E.F.A era vista como tendo características preventivas, correctivas e de desenvolvimento.

Na fase 2 em que a criança era vista como um todo, onde a preocupação deixou de ser a prevenção da doença, mas sim a promoção da saúde.

Na fase 3 a educação física tinha uma vertente correctiva, e estava relacionada com a postura, a saúde e a aptidão física.

Na fase 4 a educação física tem já uma vertente mais adaptada devido ao aparecimento de indivíduos com deficiência nas escolas regulares.

Na última fase denominada de fase 5 a educação física adaptada ganha uma vertente multidisciplinar e surgem os primeiros especialistas nesta área, formados em universidades.

A principal finalidade definida para este tipo de educação física foi a alteração dos comportamentos psicomotores, facilitando a auto-actualização, em particular, no que diz respeito à compreensão e à auto-apreciação do corpo, em movimento ou em repouso.

Esta educação física tem como benefícios principais o desenvolvimento de *skills* motores de carácter recreacional de forma a desenvolver uma autonomia em termos comunitários, bem como o desenvolvimento de pré-requisitos psicomotores para o desenvolvimento de uma vida independente e uma participação activa ao nível comunitário.

10.5. Principais dificuldades dos professores sobre alunos com N.E.E.

O projecto social em que vivemos hoje em dia na sociedade, e que se trata da inclusão das pessoas portadoras de deficiência na sociedade, e estas começam também a reivindicar os seus direitos enquanto cidadãos plenos de direitos e deveres tais como todos os outros.

Este projecto social é uma mudança que acarreta algum tempo de adaptação e flexibilização das várias partes envolvidas, pois visa o inverter de anos e anos de

história contada ao contrário, com a colocação de parte, de variadas formas, destas pessoas.

Este processo tem então intrínseco em si a inclusão destes cidadãos em escolas regulares de ensino, onde muitas vezes os professores não se encontraram preparados para as receber, e necessitam de um processo gradual e ao longo do qual se lhe vão deparando diversas dificuldades, sendo as mais destacadas:

- ❖ Vencer a barreira psicoemocional de relacionamento com os alunos N.E.E.;
- ❖ Estabelecer objectivos adequados às N.E.E. dos alunos aquando da elaboração dos currículos adaptados;
- ❖ O problema de avaliação dos indivíduos com N.E.E.

Para além destas comuns aos professores de todas as áreas, os professores de educação física pelas características da disciplina que leccionam deparam-se com outras dificuldades:

- ❖ Adaptação a todo o tipo de exercícios;
- ❖ Resolver de forma eficiente, dificuldades de realização de determinados exercícios que os N.E.E. não consigam realizar;
- ❖ Motivação e cooperação entre os alunos com N.E.E.

10.6. Avaliação de alunos com N.E.E.

A forma e os objectivos da avaliação de alunos normais para alunos com N.E.E. não se altera de uns para os outros. As finalidades são as mesmas e a forma como esta se desenrola também, apesar de os objectivos formativos de uns e outros sejam diferenciados segundo as necessidades educativas de uns e outros.

10.7. Estratégias usadas com alunos com N.E.E.

Existe um variado leque de estratégias que podem ser usadas com alunos com N.E.E., e apesar de existir várias e bastante diferenciadas, não podemos dizer que uma está correcta e outra incorrecta pois não existem estratégias correctas, existem estratégias correctamente aplicadas e que dependem do contexto em que vão ser aplicadas. No entanto foi feito um levantamento das estratégias mais utilizadas pelos professores junto destes alunos e as respostas foram as seguintes:

- ❖ Análise de tarefas – Decompõe a tarefa global em sub-tarefas com um grau de dificuldade mais simples;
- ❖ Globalização – Solicita sempre a execução global da tarefa e intervém sobre as componentes críticas;
- ❖ Treino e prática – Procura o aperfeiçoamento pela repetição da tarefa com enfoque principal nas variáveis de execução;
- ❖ Descoberta guiada – Colocação de uma situação problema com assistência
- ❖ Individualização – Apresenta a tarefa de forma individualizada ou individual;
- ❖ Meta-cognição – Solicita/ensina a explicitação sistemática de estratégias de resolução da tarefa;
- ❖ Condicionamento do comportamento – Utilização sistemática e planeada do apelo ao reforço;
- ❖ Hermenêutico – Parte da actividade do aprendiz o facto de se levantarem novas questões;
- ❖ Lúdico – Recurso a formas jogadas (concurso, simulação, acaso);
- ❖ Ensino mútuo – Recorre a aprendizes com nível mais evoluído de aprendizagem para ensinar outros colegas.

10.8. Experiência pessoal

Ao longo deste ano lectivo tive a experiência de leccionar uma turma, na qual estavam inseridos dois alunos com Necessidades Educativas Especiais. Os dois apresentavam um grau de severidade parecido, ou praticamente igual, que lhes permitia a realização das aulas de educação física sem qualquer dificuldade motora.

Inicialmente quando soube deste facto fiquei apreensivo porque iria estar a desenvolver uma experiência nova que era o estágio pedagógico e teria ao mesmo tempo de ter uma preocupação enorme com estes alunos, que necessitavam de uma atenção especial.

Quando comecei o processo pedagógico de contacto com os alunos apercebi-me de que estes alunos seriam alunos bastante normais, em que as suas maiores dificuldades se prendiam com a sua capacidade cognitiva de comunicação e de

conhecimentos, já que ao nível físico conseguiriam realizar tudo aquilo que os outros conseguiam.

À parte deste problema cognitivo, um dos alunos com Necessidades Educativas Especiais tinha um problema que é comum a muitos deles, que é a dificuldade de integração no meio escolar, fechando-se muito em si próprio, não comunicando nem interagindo com os seus colegas de uma forma regular, apenas tendo um suporte na turma junto de uma outra colega. Este problema por mim apercebido despoletou a tentativa de corrigir essa situação, tentando integrar a aluna da melhor forma possível, fazendo-a interagir com todos os seus pares na turma. Para conseguir atingir este meu propósito recorri a jogos lúdicos de cooperação, em que a aluna se via obrigada a interagir com outros colegas de forma a obter sucesso. No final deste ano lectivo, considero que a aluna está muito mais integrada na turma, conseguindo neste momento interagir com as colegas do sexo feminino, ainda que de uma forma tímida. A par desta estratégia procurei sempre juntos destes alunos comunicar com eles dando-lhes sempre um estímulo positivo e de superação daquilo que já eram capazes de fazer. Para a aluna em questão, mostrou-se muito importante para o desenvolvimento do meu trabalho, uma visita de estudo efectuada ao seu contexto de trabalho que me permitiu ficar a conhecer de uma forma mais pormenorizada as motivações da aluna. Com mais este conhecimento consegui intervir de uma forma mais detalhada e precisa na integração da aluna.

No decorrer das aulas procurei sempre que possível recorrer a uma explicação gráfica ou até mesmo a uma demonstração dos exercícios, para que estes alunos com dificuldades ao nível cognitivo compreendessem da melhor forma aquilo que era pedido. Com esta estratégia a maior parte dos exercícios foram bem sucedidos para estes alunos quando à sua explicação e compreensão, por outro lado notei que um dos alunos com Necessidades Educativas Especiais quando em algum exercício mais complexo não era possível realizar uma explicação gráfica/demonstração o aluno ficava um pouco perdido, necessitando eu de explicar uma vez mais de uma forma individualizada a este mesmo aluno.

A par desta minha experiência directa com os alunos da minha turma, observei ainda bastantes aulas de um colega estagiário e do professor orientador, pois ambos também contavam nas suas turmas com alunos com Necessidades

Educativas Especiais, e assim procurei saber um pouco mais como lidar com as diferentes situações que me iam sendo colocadas.

Considero que o trabalho que desenvolvi foi da maior importância para a minha aprendizagem e futura leccionação de alunos com este tipo de necessidades, uma vez que apesar de os alunos não serem portadores de deficiência severa, este ano serviu-me como prática e também introdução de algumas estratégias de resolução de alguns problemas.

11. Conclusões

Após ter vivido este período da minha vida de forma intensa e sempre na perspectiva de melhorar, reflectindo sobre tudo aquilo que ia acontecendo ao meu redor, é importante fazer uma reflexão sobre as mudanças ocorridas em mim, e irei fazê-lo em jeito de conclusão, abordando as diferentes áreas do estágio e da minha vida pessoal e profissional.

11.1. Impacto do estágio pedagógico na minha moldagem pessoal e profissional

O estágio pedagógico inserido no quarto semestre do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, revela-se da maior importância, pois serve como momento de colocação em prática, tudo aquilo que aprendemos ao longo do percurso académico até ali, para além de nos dotar de novas ferramentas para o futuro, que são fruto de reflexões efectuadas após a produção de qualquer documento ou realização de qualquer tarefa.

Quando entrei neste ano de estágio, apesar da minha visão sobre a escola ter sido moldada por inúmeras unidades curriculares ao longo do meu percurso académico nada foi tão forte como a visão prática do trabalho escolar, a visão da construção, da participação, da reflexão de tudo aquilo que fazíamos. Em variadas unidades curriculares ouvia eu dizer que o trabalho de professor era um trabalho de constante reflexão, que possibilitasse moldar o currículo de forma a adaptá-lo aos alunos e aos recursos materiais e temporais disponíveis, mas apenas com a passagem pelos vários momentos constantes do dia-a-dia de um professor é que tomei a efectiva consciência do que era ser professor, e do prazer que esse poder de ajudar a construir gerações futuras dá a alguém que trabalha com jovens na sua formação como cidadãos e futuros adultos. Assim posso dizer que este ano me transformou não apenas como profissional da área da educação, mas também como cidadão, porque me obrigou a reflectir sobre diversos assuntos, muitos deles não apenas relacionados com a escola e me “obrigou” a olhar para o mundo de outra forma. Desde logo pela diferença do que são crianças em treinos desportivos – ambiente ao qual eu estava afecto – e crianças inseridas numa realidade escolar, onde muitas vezes não se encontram motivadas para a prática, nem são responsabilizadas por qualquer atitude menos própria que tenham, onde tudo lhes é desculpado e admitido, não os fazendo reflectir sobre as suas acções e

consequentemente criando crianças que julgam que tudo podem. Este facto apesar de muito ouvido na nossa sociedade, só no seio de uma escola é que me consegui aperceber das reais consequências dessa desresponsabilização.

Para a moldagem da minha forma de ver e pensar o ensino, muito contribuíram os orientadores e colegas estagiários, que sempre me proporcionaram discussões abertas e saudáveis que muito me fizeram crescer, sempre me deram orientações que considero preciosas para que ao longo do estágio tenha reflectido bastante, tenha produzido novos materiais, novas abordagens no processo ensino-aprendizagem e possua neste momento conhecimentos mais alargados principalmente nas questões relacionadas com as práticas pedagógicas no geral, e mais propriamente no processo ensino-aprendizagem, no qual me sinto como é óbvio muito mais preparado após um ano a desenvolvê-lo, onde todas as opções eram da minha responsabilidade, mas uma grande quota-parte desta evolução é pertencente aos orientadores e colegas estagiários e outros professores que sempre me fizeram discutir de uma forma reflexiva.

Agora irei falar um pouco do impacto que o estágio teve em mim enquanto cidadão, para além do professor. Ao longo de todo o estágio, com a quantidade de reflexões que tive de fazer, quer de carácter oficial, quer as de carácter não oficial que ia fazendo quer na produção de aulas, quer durante as próprias aulas. Esta tarefa de reflexão exaustiva que fui fazendo ao longo de todo este ano de estágio pedagógico tornou-me também a mim, enquanto cidadão de uma sociedade cada vez mais necessitada de reflexões antes de agir, um cidadão muito mais pronto e apto para reflectir sobre as minhas atitudes e opções, o que penso eu que só me valoriza desde que seja um processo conduzido de forma orientada e não excessiva.

Relativamente à participação na escola, a realização do trabalho desenvolvido durante todo este ano lectivo que agora termina, será algo que levo comigo para a vida, pois eu quando entrei no processo de estágio era uma pessoa sociável, mas que demorava a abrir-se para com os seus pares. Este ano fez-me modificar um pouco essa minha actuação perante a sociedade, revelando-me eu muito mais aberto à participação sem receios do que possa advir dessa minha pro-actividade. Também com o estágio a relação com a escola necessitou de uma constante participação da minha parte em tarefas desenvolvidas no âmbito do seu Plano Anual de Actividades, este facto não só me fez estabelecer novos laços de amizade, como

me preparou para a realização de actividades de diverso tipo numa escola. Registo com maior agrado - para além daquelas que estive envolvido como parte integrante da organização – a minha participação e colaboração na consecução da actividade do cicloturismo.

Ainda no âmbito do estágio pedagógico e de tudo aquilo que ele me permitiu conhecer e levar comigo, registo como uma das maiores conquistas, a relação de amizade que construí com algum pessoal docente e não docente.

Foi sem dúvida um ano fantástico de um crescimento enorme a todos os níveis e do qual muito me orgulho de o poder concluir, junto de todos aqueles que comigo partilharam todas as vivências deste cinco anos de percurso académico.

“Um treinador de futebol que só sabe de futebol, é um péssimo treinador de futebol”. (José Mourinho)

12. Referências

- ALMEIDA, A. M. C.; RODRIGUES, D. – **A percepção dos professores do 1º C.E.B. e educadores de infância sobre valores inclusivos e as suas práticas.**
- BRITO, M. L. F.; RODRIGUES, D. – **Educação inclusiva e desenvolvimento profissional dos professores: dos discursos às práticas.**
- CARDOSO, A. (1987). Em torno dos conceitos de currículo e de desenvolvimento curricular. In **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Ano XXI. (pp. 221-232).
- CARVALHO, L. (1994). **Avaliação das Aprendizagens em Educação Física** (pp. 135-151).
- FERREIRA, A. M. L. R.; RODRIGUES, D. – **Culturas inclusivas na escola: Percepções dos docentes dos três Ciclos do Ensino Básico** (Estudo de Caso).
- HARING, N.; BILLINGSLEY, F. (1984). **Estratégias de mudança dos sistemas para garantir o future da integração.** in Public School Integration of Severely Handicapped Students. Rational Issues and Progressive Alternatives. London: Paul II Books. (pp. 83-105).
- NOBRE, P. (2002). O Currículo como projecto e o papel da escola e dos professores na sua construção. O desenho de projectos curriculares: uma hipótese. In **Um Projecto Curricular para uma Escola Básica Integrada.** Monografia (não publicado). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. (pp. 29-39).
- PEREIRA, L. M. (1998), **Evolução Histórica da Educação Especial**, Revista O Professor, nº105, Lisboa.

- PEREIRA, L. M. et al. (1991). **O currículo face às crianças com necessidades educativas especiais** – análise da situação na zona da grande Lisboa in IV Encontro Nacional de Educação Especial “Comunicações”; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (pp. 409-421).
- PINTO, J. (2004). **A avaliação em educação**. Escola Superior de Educação de Setúbal (documento policopiado).
- RIBEIRO, A. (1993). Currículo: natureza e âmbito. In **Desenvolvimento Curricular**. Lisboa: Texto Editora. (pp. 11-22).
- RIBEIRO, L. (1999). **Tipos de avaliação**. (pp. 75-92).
- SAYER, J. (1987). **Developing curriculum and access** in Special Needs in Ordinary Schools, Secondary Schools for all? Strategies for Special Needs. Great Britain. (pp. 103-112).
- STETSON, F. (1984). **Factores críticos que facilitam a integração** - Uma teoria de responsabilidade na gestão, in Public School Integration Severely Handicapped Students. Rational Issues and Progressive Alternatives. London: Paul II Books (pp. 65-81).
- TOMLINSON, S. (1987). **Papéis dos profissionais e o processo de avaliação**, in A Sociology of Special Education, London and New York: Routledge & Kegan Paul, 2ª ed., (pp-82-105).
- NOBRE, P. (2010). **Diapositivos da Unidade Curricular de Estudos Avançados em Desenvolvimento Curricular**. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra.

- SILVA, E. (2010). **Diapositivos da Unidade Curricular de Didáctica da Educação Física e do Desporto Escolar**. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- NOBRE, P. (2011). **Diapositivos da Unidade Curricular de Avaliação Pedagógica em Educação Física**. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais. Ministério da Educação.
- Direcção Geral do Ensino Básico (2001). Programas nacionais de Educação Física escolar (reajustamento). Ministério de educação, Lisboa.
- Plano Anual de Educação Física da Escola Básica Castro Matoso.
- Projecto Educativo 2009-2013. A Comunidade na Escola e a Escola na Comunidade. Agrupamento de Escolas de Oliveirinha.
- Regulamento Interno da Escola Básica Castro Matoso 2011/2012.
- Decreto-Lei Nº 139/90, de 28 de Abril, últimas alterações introduzidas pelo decreto-lei 75/2010, de 23 de Junho [Estatuto da Carreira Docente].
- Decreto-Lei Nº 15/2007, de 17 de Janeiro [Regime Jurídico da Formação Contínua].
- Decreto-Lei Nº 155/99, de 10 Maio [Formação Contínua de Professores].
- Despacho Normativo Nº 6/2010 [Avaliação].
- Lei Nº 49/2005, de 30 de Agosto. [Lei de Bases do Sistema Educativo].

- <http://legislacao.min-edu.pt/np4/133>, acedido em [29-05-2012].

ANEXOS

ANEXO I – PLANEAMIENTO ANUAL REALIZADO

Planeamento 1º Período

Professor Cooperante: Fernando Leite

Professor Estagiário: João Teles

| Mês | Setembro | | | | | Outubro | | | | | | | | Novembro | | | | | | | | Dezembro | | | | | | | | |
|-------------|----------------------|------------|----------|------------|-----------|-----------|----------------|-------------|-------------|------------|---------|------------|-------------------|-----------|----------|-----------|-------------------|----------------|------------|------------|----------|-----------|----------|-----------|------------|------------|----------------|-----------|-----------|-------|
| Dia | 14 | 19 | 21 | 26 | 28 | 3 | 10 | 12 | 17 | 19 | 24 | 26 | 31 | 2 | 7 | 9 | 14 | 16 | 21 | 23 | 28 | 30 | 5 | 7 | 12 | 14 | | | | |
| | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | | | | | |
| Nº de aula | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | | | | |
| Nº do tempo | 1/ 2 | 3 | 4/ 5 | 6 | 7/ 8 | 9 | 10 | 11/ 12 | 13 | 14/ 15 | 16 | 17/ 18 | 19 | 20/ 21 | 22 | 23/ 24 | 25 | 26/ 27 | 28 | 29/ 30 | 31 | 32/ 33 | 34 | 35/ 36 | 37 | 38/ 39 | | | | |
| Duração | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | | | | | |
| Espaço | Ginásio | Exterior 1 | Pavilhão | Exterior 2 | Ginásio | Ginásio | Ginásio | Pavilhão | Exterior 1 | Exterior 1 | Ginásio | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | Exterior 2 | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | | | | |
| Conteúdo | A presentação | Andebol | Voleibol | Badm. | Atletismo | Gin. Solo | Gin. Aparelhos | Fitnessgram | Fitnessgram | Andebol | Fitness | Andebol | Ginástica de Solo | Badminton | Voleibol | Voleibol | Ginástica de Solo | Gin. Aparelhos | Andebol | Andebol | Andebol | F. Cívica | Voleibol | Andebol | Andebol | Atletismo | Gin. Aparelhos | Atletismo | F. Cívica | Badm. |
| Sessão | 2/2 | 1/10 | 1/13 | 1/13 | 1/11 | 1/11 | 1/11 | 1/13 | 1/8 | 3/8 | 2/10 | 3/10 | 4/8 | 2/11 | 3/13 | 2/13 | 4/13 | 3/11 | 4/11 | 4/10 | 6/10 | 7/10 | 5/13 | 8/10 | 10/10 | 2/13 | 6/11 | 3/13 | 4/13 | |

Planeamento 2º Período

Professor Cooperante: Fernando Leite

Professor Estagiário: João Teles

| Mês | Janeiro | | | | | | | | Fevereiro | | | | | | | | Março | | | | | |
|-------------|------------|-----------|-----------|----------------|-------------------|------------|------------|------------|------------|-----------|-----------|-------------------|-----------------|---------------|-----------------|-----------|-----------------|----------------|-------------------|------------|---------------|--|
| Dia | 4 | 9 | 11 | 16 | 18 | 23 | 25 | 30 | 1 | 6 | 8 | 13 | 15 | 27 | 29 | 5 | 7 | 12 | 14 | 19 | 21 | |
| | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | |
| Nº de aula | 28 | 29 | 30 | 31 | 32 | 33 | 34 | 35 | 36 | 37 | 38 | 39 | 40 | 41 | 42 | 43 | 44 | 45 | 46 | 47 | 48 | |
| Nº do tempo | 40/ 41 | 42 | 43/ 44 | 45 | 46/ 47 | 48 | 49/ 50 | 51 | 52/ 53 | 54 | 55/ 56 | 57 | 58/ 59 | 60 | 61/ 62 | 63 | 64/ 65 | 66 | 67/ 68 | 69 | 70/ 71 | |
| Duração | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | |
| Espaço | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | Exterior 2 | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 2 | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | |
| Conteúdo | Atletismo | Badminton | Voleibol | Gin. Aparelhos | Ginástica de Solo | Atletismo | Badminton | Atletismo | Badminton | Badminton | Badminton | Ginástica de Solo | Solo Aparel. | Mega-Sprinter | Solo Aparel. | Badminton | Solo Aparel. | Gin. Aparelhos | Ginástica de Solo | Atletismo | Visita Estudo | |
| Sessão | 5/13 | 5/13 | 7/13 | 7/11 | 5/11 | 6/13 | 7/13 | 7/13 | 9/13 | 10/13 | 12/13 | 6/11 | 8/11 7/11 | 1/1 | 9/11 8/11 | 13/13 | 10/11 9/11 | 11/11 | 11/11 | 8/13 | — | |

Planeamento 3º Período

Professor Cooperante: Fernando Leite

Professor Estagiário: João Teles

| Mês | Abril | | | | | Maio | | | | | | | | | Junho | | | |
|-------------|------------|----------|-----------|----------------|------------|------------|------------|------------|-----------|-------------|---------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| Dia | 11 | 16 | 18 | 23 | 30 | 2 | 7 | 9 | 14 | 16 | 21 | 23 | 28 | 30 | 4 | 6 | 11 | 13 |
| | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf | 2ªf | 4ªf |
| Nº de aula | 49 | 50 | 51 | 52 | 53 | 54 | 55 | 56 | 57 | 58 | 59 | 60 | 61 | 63 | 64 | 65 | 66 | 67 |
| Nº do tempo | 72/ 73 | 74 | 75/ 76 | 77 | 78 | 79/ 80 | 81 | 82/ 83 | 84 | 85/ 86 | 87 | 88/ 89 | 90 | 91/ 92 | 93 | 94/ 95 | 96 | 97/ 98 |
| Duração | 90' | 45' | 90' | 45' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' | 45' | 90' |
| Espaço | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | Exterior 2 | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão | Ginásio | Ginásio | Exterior 1 | Exterior 1 | Exterior 2 | Exterior 2 | Pavilhão | Pavilhão |
| Conteúdo | Atletismo | Voleibol | Patinação | Despt. Escolar | Voleibol | Patinação | Atletismo | Voleibol | Patinação | Fitnessgram | Dança | Fitnessgram | Atletismo | Dança | Atletismo | Voleibol | Aula Livre | Aula Livre |
| Sessão | 10/ 13 | 8/ 13 | 2/5 | 1/1 | 9/13 | 4/5 | 11/ 13 | 11/ 13 | 5/5 | 6/8 | 1/3 | 8/8 | 12/ 13 | 3/3 | 13/13 | 13/13 | 1/3 | 3/3 |

ANEXO II – ROULEMENT

ESCOLA BÁSICA 2/3 CASTRO MATOSO - OLIVEIRINHA 2011/2012

| | SEG | | | | TER | | | | QUA | | | | QUI | | | | SEX | | | | Datas | |
|-------|------|-----|-----------|----|------|-----|-----------|-----|-----|-----|------|-----------|-----|-----|-----------|-----|-----|---|-----------|-----------|--------|--------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | Início | Fim |
| 09:00 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7° C | | 7°B (DAN) | | 7°D | | | 8°B (DAN) | 7°A | | 9°C (DAN) | 6°A | | | | 8°C (DAN) | 12-Set | 16-Set |
| 09:45 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7°B (DAN) | | 7°D | | | 8°B (DAN) | 7°C | | 9°C (DAN) | 6°A | | | | 9°C (DAN) | 10-Out | 14-Out |
| 10:50 | 7° B | 9°B | 6° B | | 7°A | | 8°B | | 7°A | | 91 A | | | | 5°B | 6°C | | | | 5° A | 07-Nov | 11-Nov |
| 11:35 | 7°B | 9°B | 6° B | | 7°A | | 8°B | | 7°A | | 8°B | | | | 5°B | 6°C | | | | 5° A | 05-Dez | 09-Dez |
| 12:25 | 7° D | 8°A | 5°B | | 91 A | 9°C | | 6°C | | 9°B | 5°A | 6°A | | 8°C | 6° B | | 7°B | | | 5°C | 16-Jan | 20-Jan |
| 13:10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 13-Fev | 17-Fev |
| 14:25 | | | | | | 9°A | | | | 8°A | | | | 9°C | 9°B 8DAN) | | | | | | 12-Mar | 16-Mar |
| 15:10 | | | | | | 9°A | | | | 8°A | | | | 9°C | | | 8°B | | 9°C (DAN) | | 23-Abr | 27-Abr |
| 16:05 | | | | DE | | DE | | | | | | | | 9°A | | DE | | | | | 21-Mai | 25-Mai |
| 16:50 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |
| 17:35 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |

| | SEG | | | | TER | | | | QUA | | | | QUI | | | | SEX | | | | Datas | |
|-------|------|-----|-----------|----|------|-----|-----------|-----|-----|-----|------|-----------|-----|-----|-----------|-----|-----|---|-----------|-----------|--------|--------|
| | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | Início | Fim |
| 09:00 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7° C | | 7°B (DAN) | | 7°D | | | 8°B (DAN) | 7°A | | 9°C (DAN) | 6°A | | | | 9°C (DAN) | 19-Set | 23-Set |
| 09:45 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7°B (DAN) | | 7°D | | | 8°B (DAN) | 7°C | | 9°C (DAN) | 6°A | | | | 8°C (DAN) | 17-Out | 21-Out |
| 10:50 | 7° B | 9°B | 6° B | | 7°A | | 8°B | | 7°A | | 91 A | | | | 5°B | 6°C | | | | 5° A | 14-Nov | 18-Nov |
| 11:35 | 7°B | 9°B | 6° B | | 7°A | | 8°B | | 7°A | | 8°B | | | | 5°B | 6°C | | | | 5° A | 12-Dez | 16-Dez |
| 12:25 | 7° D | 8°A | 5°B | | 91 A | 9°C | | 6°C | | 9°B | 5°A | 6°A | | 8°C | 6° B | | 7°B | | | 5°C | 23-Jan | 27-Jan |
| 13:10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 20-Fev | 24-Fev |
| 14:25 | | | | | | 9°A | | | | 8°A | | | | 9°C | 9°B 8DAN) | | | | | | 19-Mar | 23-Mar |
| 15:10 | | | | | | 9°A | | | | 8°A | | | | 9°C | | | 8°B | | 9°C (DAN) | | 30-Abr | 04-Mai |
| 16:05 | | | | DE | | DE | | | | | | | | 9°A | | DE | | | | | 28-Mai | 01-Jun |
| 16:50 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |
| 17:35 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |

| | SEG | | | | TER | | | | QUA | | | | QUI | | | | SEX | | | | Datas | |
|-------|------------------|------------------|------------------|----|--------------------|------------------|------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------------|--------------------|------------------|------------------------|------------------|------------------|---|------------------------|------------------------|--------|--------|
| | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | Início | Fim |
| 09:00 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7 ^o B (DAN) | | 7 ^o D | | | 8 ^o B (DAN) | 7 ^o A | | 9 ^o C (DAN) | 6 ^o A | | | | 8 ^o C (DAN) | 26-Set | 30-Set |
| 09:45 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7 ^o B (DAN) | | 7 ^o D | | | 8 ^o B (DAN) | 7°C | | 9 ^o C (DAN) | 6 ^o A | | | | 8 ^o C (DAN) | 24-Out | 28-Out |
| 10:50 | 7 ^o B | 9 ^o B | 6 ^o B | | 7 ^o A | | 9 ^o B (DAN) | | 8 ^o B | | | 5 ^o C | 9 ^o 1 A | | 5 ^o B | 6 ^o C | | | | 5 ^o A | 21-Nov | 25-Nov |
| 11:35 | 7 ^o B | 9 ^o B | 6 ^o B | | 7 ^o A | | 9 ^o B (DAN) | | 8 ^o B | | | 5 ^o C | | | 5 ^o B | 6 ^o C | | | | 5 ^o A | 03-Jan | 06-Jan |
| 12:25 | 7 ^o D | 8 ^o A | 5 ^o B | | 9 ^o 1 A | 9 ^o C | | 6 ^o C | | 9 ^o B | 5 ^o A | 6 ^o A | | 8 ^o C | 6 ^o B | | 7 ^o B | | | 5 ^o C | 30-Jan | 03-Fev |
| 13:10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 27-Fev | 02-Mar |
| 14:25 | | | | | | 9 ^o A | | | | 8 ^o A | | | | 9 ^o C | 9 ^o B 8DAN) | | | | | | 10-Abr | 13-Abr |
| 15:10 | | | | | | 9 ^o A | | | | 8 ^o A | | | | 9 ^o C | | | 8 ^o B | | 9 ^o C (DAN) | | 07-Mai | 11-Mai |
| 16:05 | | | | DE | | DE | | | | | | | | 9 ^o A | | DE | | | | | 04-Jun | 08-Jun |
| 16:50 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |
| 17:35 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |

| | SEG | | | | TER | | | | QUA | | | | QUI | | | | SEX | | | | Datas | |
|-------|------------------|------------------|------------------|----|--------------------|------------------|------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------------|--------------------|------------------|------------------------|------------------|------------------|---|------------------------|------------------------|--------|--------|
| | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | 4 | 1 | 2 | 3 | Início | Fim |
| 09:00 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7 ^o B (DAN) | | 7 ^o D | | | 8 ^o B (DAN) | 7 ^o A | | 9 ^o C (DAN) | 6 ^o A | | | | 8 ^o C (DAN) | 03-Out | 07-Out |
| 09:45 | | 8°C | 7°C (DAN) | | 7°C | | 7 ^o B (DAN) | | 7 ^o D | | | 8 ^o B (DAN) | 7°C | | 9 ^o C (DAN) | 6 ^o A | | | | 8 ^o C (DAN) | 31-Out | 04-Nov |
| 10:50 | 7 ^o B | 9 ^o B | 6 ^o B | | 7 ^o A | | 9 ^o B (DAN) | | 8 ^o B | | | 5 ^o C | 9 ^o 1 A | | 5 ^o B | 6 ^o C | | | | 5 ^o A | 28-Nov | 02-Dez |
| 11:35 | 7 ^o B | 9 ^o B | 6 ^o B | | 7 ^o A | | 9 ^o B (DAN) | | 8 ^o B | | | 5 ^o C | | | 5 ^o B | 6 ^o C | | | | 5 ^o A | 09-Jan | 13-Jan |
| 12:25 | 7 ^o D | 8 ^o A | 5 ^o B | | 9 ^o 1 A | 9 ^o C | | 6 ^o C | | 9 ^o B | 5 ^o A | 6 ^o A | | 8 ^o C | 6 ^o B | | 7 ^o B | | | 5 ^o C | 06-Fev | 10-Fev |
| 13:10 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | 05-Mar | 09-Mar |
| 14:25 | | | | | | 9 ^o A | | | | 8 ^o A | | | | 9 ^o C | 9 ^o B 8DAN) | | | | | | 16-Abr | 20-Abr |
| 15:10 | | | | | | 9 ^o A | | | | 8 ^o A | | | | 9 ^o C | | | 8 ^o B | | 9 ^o C (DAN) | | 14-Mai | 18-Mai |
| 16:05 | | | | DE | | DE | | | | | | | | 9 ^o A | | DE | | | | | 14-Jun | 18-Jun |
| 16:50 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | 11-Jun | 15-Jun |
| 17:35 | | | | DE | | DE | | | | | | | | | | DE | | | | | | |

Teixeira Zé Carlos Fernando Paula Dias Lúcia

1- PAVILHÃO 2- GINÁSIO 3- EXTERIOR 4- EXTERIOR

Quem está no interior, fica no mesmo espaço. O espaço mais alto, do exterior, passa para o interior.

As aulas de dança só podem realizar-se no espaço 1 ou 2

ANEXO III – PLANO DE AULA E REFLEXÃO

| PLANO DE AULA | | | | | |
|---------------------|-----------|------------------|-----------------|-------------------|-------------------------|
| ANO/ TURMA: | | DATA: | HORA: | DURAÇÃO: | PERÍODO: |
| ESPAÇO N.º: | AULA N.º: | AULA DA U.D.: | DE UM TOTAL DE: | | N.º DE ALUNOS PREVISTO: |
| UNIDADE DIDÁTICA: | | FUNÇÃO DIDÁTICA: | | PROF. ESTAGIÁRIO: | |
| SUMÁRIO: | | | | | |
| OBJETIVOS GERAIS: | | | | | |
| RECURSOS MATERIAIS: | | | | | |

| Tempo | | Tarefa Situações de Aprendizagem Objetivos Específicos | Estratégias de Organização | Objetivos Comportamentais | Critérios de Êxito Estilos de Ensino |
|--------------------------|------|--|-------------------------------|------------------------------|---|
| Par. | Tot. | | | | |
| Parte Inicial | | | | | |
| | | | | | |
| Parte Fundamental | | | | | |
| | | | | | |
| Parte Final | | | | | |
| | | | | | |

1. Quadro síntese da auto-avaliação da aula.

| Critérios de Observação | | Nível A | Nível B | Nível C |
|-------------------------|--|---------|---------|---------|
| 1 | Capacidade de motivação e empenho dos alunos | | | |
| 2 | Controlo da disciplina | | | |
| 3 | Colocação do professor no espaço/turma | | | |
| 4 | Procedimentos de segurança e prevenção de acidentes | | | |
| 5 | Densidade motora | | | |
| 6 | Aplicação de tarefas não planeadas | | | |
| 7 | Domínio e conhecimentos dos conteúdos abordados | | | |
| 8 | Informação inicial sobre o plano de aula | | | |
| 9 | Controlo activo da turma | | | |
| 10 | Gestão temporal da aula | | | |
| 11 | Aplicação de rotinas | | | |
| 12 | Qualidade da comunicação (retroinformação(FB)/instrução) | | | |
| 13 | Adequação da planificação e organização da aula | | | |
| 14 | Avaliação geral da aula | | | |

Critérios de avaliação:

| Nível A | Nível B | Nível C | Aplicação aos Critérios |
|--------------|--------------------|---------------------|-------------------------------|
| Insuficiente | Suficiente | Bom | 1; 2; 5; 7; 8; 9;10;11;12; 14 |
| Desajustado | Ajustado com erros | Ajustado e correcto | 3; 4; 6; 11; 13 |

2. Relatório escrito:

| | |
|---|--|
| ⇒ | <p>Pontos de análise</p> <ul style="list-style-type: none">⇒ Aplicação do plano aula.⇒ Ajustamentos ao plano.⇒ Densidade Motora.⇒ Disciplina e controlo.⇒ Colocação do professor.⇒ Voz do professor.⇒ Comunicação.⇒ Organização do material.⇒ Utilização do espaço.⇒ Organização da turma.⇒ Linguagem técnica e científica.⇒ Comportamentos de liderança.⇒ Reflexão global |
|---|--|

ANEXO IV – EXTENSÃO E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS

ESQUEMA E SEQUÊNCIA DE CONTEÚDOS
1º Período

| Aula | | | | | | | | |
|----------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Data | | | | | | | | |
| Conteúdos Abordados | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |
| | | | | | | | | |

ANEXO V – GRELHA DE OBSERVAÇÃO

FICHA DE REGISTO DE DADOS DE OBSERVAÇÃO DE AULA

ESCOLA:

PROFESSOR ESTAGIÁRIO:

OBSERVADOR:

PROFESSOR ORIENTADOR:

UNIDADE DIDÁCTICA:

DATA:

| Dimensão Instrução | Categorias | 1 | 2 | 3 | 4 |
|--------------------------|--|---|---|---|---|
| Informação/ Instrução | Comunica com clareza e economia | | | | |
| | Domina os conteúdos utilizando terminologia adequada | | | | |
| | Relaciona o trabalho da aula com as aulas anteriores e posteriores da U.D. | | | | |
| | Certifica-se da compreensão da informação, reformulando-a quando necessário | | | | |
| Condução da aula | Posicionamento e circulação adequada | | | | |
| | Realiza a extensão/integração da matéria | | | | |
| | Clarifica os comportamentos visados | | | | |
| | Recorre a alunos para apoiar, corrigir ou demonstrar a transmissão dos conteúdos | | | | |
| | Utiliza meios auxiliares de ensino | | | | |
| | Assegura as condições de segurança das actividades | | | | |
| Qualidade do Feedback | Correcta, compreensível, eficaz, lógica e pertinente | | | | |
| | Utiliza o maior n.º de FB positivos, descritivos, prescritivos e de reforço | | | | |
| | Distribui equitativamente os FB entre diferentes níveis de alunos | | | | |
| | Conclui os ciclos de FB | | | | |
| Conclusão da aula | Conclui a aula de forma serena e tranquila | | | | |
| | Realiza o balanço final da aula verificando a aquisição de conhecimentos | | | | |
| | Realiza extensão de conteúdos para as etapas seguintes da U.D. | | | | |
| | Organização na arrumação do material | | | | |

| Gestão | Categorias | 1 | 2 | 3 | 4 |
|---------------------------|--|---|---|---|---|
| Gestão do Tempo | Verifica-se um elevado tempo de empenhamento motor/aprendizagem | | | | |
| | Respeita a organização temporal definida no plano de aula | | | | |
| Decisões de ajustamento | Adopta decisões de ajustamento pedagogicamente correctas e ajustadas às situações | | | | |
| | Em situação imprevista ajusta com qualidade, sem perder de vista os objectivos definidos | | | | |
| Organização/ Transição | Demonstra capacidade e cuidado na organização da aula e suas transições | | | | |
| | A aula apresenta uma estrutura coordenada, coerente e contínua | | | | |
| | Doseia as diferentes tarefas de acordo com os objectivos definidos e com as capacidades dos alunos | | | | |

| Clima/ Disciplina | Categoria | 1 | 2 | 3 | 4 |
|----------------------|--|---|---|---|---|
| Controlo | Implementa regras e rotinas de aula claras e eficazes revelando capacidade de controlo | | | | |
| | Motiva o comportamento apropriado com interações positivas | | | | |
| | Intervém estrategicamente com os alunos corrigindo comportamentos desviantes | | | | |
| Comunicação | Capta naturalmente a atenção dos alunos passando facilmente a mensagem | | | | |
| | Utiliza linguagem clara, correcta, adequada e acessível à compreensão dos alunos | | | | |
| | Boa projecção de voz | | | | |

Nível 1: Não realiza;

Nível 2: Realiza com pouca frequência;

Nível 3: Realiza com frequência;

Nível 4: Realiza com muita frequência;

| Dimensão Instrução | Observações |
|-------------------------------|--------------------|
| Informação/ Instrução | |
| Condução da aula | |
| Qualidade do Feedback | |
| Conclusão da aula | |

| Gestão | Observações |
|----------------------------|--------------------|
| Gestão do Tempo | |
| Decisões de ajustamento | |
| Organização/ Transição | |

| Clima/ Disciplina | Observações |
|------------------------------|--------------------|
| Controlo | |
| Comunicação | |

ANEXO VI – GRELHAS DE AVALIAÇÃO

| Avaliação Formativa | | | | | |
|---------------------|--|--|--|--|--|
| | | | | | |
| Data: | | | | | |
| Nº / Nome | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

AVALIAÇÃO SUMATIVA

| ° PERÍODO | | | | | | | |
|-----------|------|--|--|--|--|--|--|
| DATA: | | | | | | | |
| Nº | NOME | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |
| | | | | | | | |

LEGENDA: 1 NÃO EXECUTA 2 EXECUTA MAL 3 EXECUTA COM DIFICULDADE 4 EXECUTA 5 EXECUTA BEM

ANEXO VII – GRELHAS DE FEEDBACK

Grelha de Registo dos Feedback's do Professor de Educação Física
(Instrumento desenvolvido Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica de Oliveirinha)

| OBJETIVO | | | PRESCRITIVO | | | DESCRITIVO | | | AVALIATIVO | | | INTERROGATIVO | | |
|----------------------------|---------|------|-------------|-------|-------|------------|-------|-------|------------|-------|-------|---------------|-------|-------|
| DIREÇÃO | | | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma |
| AFETIVIDADE (+/-) | | | | | | | | | | | | | | |
| MOMENTO | | | | | | | | | | | | | | |
| Antes | Durante | Após | | | | | | | | | | | | |
| Prof: | | | | | | | | | | | | | | |
| Data: | | | | | | | | | | | | | | |
| Hora Início da Observação: | | | | | | | | | | | | | | |
| Hora do Fim da Observação: | | | | | | | | | | | | | | |
| Duração da Observação: | | | | | | | | | | | | | | |
| Observador: | | | | | | | | | | | | | | |
| Total Parcial | | | | | | | | | | | | | | |
| Total | | | | | | | | | | | | | | |
| Nº de Positivos | | | | | | | | | | | | | | |
| Nº de Negativos | | | | | | | | | | | | | | |
| Total Final | | | | | | | | | | | | | | |

Grelha de Registo dos Feedback's do Professor de Educação Física
(Instrumento desenvolvido Núcleo de Estágio de Educação Física da Escola Básica de Oliveirinha)

| OBJETIVO | PRESCRITIVO | | | DESCRITIVO | | | AVALIATIVO | | | INTERROGATIVO | | |
|-------------------------------|-------------|-------|-------|------------|-------|-------|------------|-------|-------|---------------|-------|-------|
| DIREÇÃO | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma | Aluno | Grupo | Turma |
| AFETIVIDADE (+/-) | | | | | | | | | | | | |
| MOMENTO | | | | | | | | | | | | |
| Antes | | | | | | | | | | | | |
| Durante | | | | | | | | | | | | |
| Após | | | | | | | | | | | | |
| Prof: | | | | | | | | | | | | |
| Data: | | | | | | | | | | | | |
| Hora Início da Observação: | | | | | | | | | | | | |
| Hora do Fim da Observação: | | | | | | | | | | | | |
| Duração da Observação: | | | | | | | | | | | | |
| Observador: | | | | | | | | | | | | |
| Total | | | | | | | | | | | | |
| Nº de Positivos | | | | | | | | | | | | |
| Nº de Negativos | | | | | | | | | | | | |
| Total Final | | | | | | | | | | | | |

ANEXO VIII – FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

FICHA DE CARACTERIZAÇÃO INDIVIDUAL

Este inquérito é pessoal e deve ser feito individualmente. As informações que vais dar serão confidenciais e vão permitir ao teu professor conhecer-te melhor. Deves ser *SINCERO* e seleccionar *APENAS* as opções que correspondem à tua realidade. Não te esqueças de responder a todas as questões!

1.1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____
Ano/Turma: ____/____ N.º : ____ Idade: ____
Data de Nascimento: ____/____/____ Freguesia: _____ Sexo: Masculino Feminino

1.2 - AGREGADO FAMILIAR

Com quem vives :
Pai ----- Mãe ----- Irmãos ----- Avós ----- Outros -----
N.º de irmãos: ____ Idades: _____
Encarregado de Educação: _____ Idade: ____
Profissão: _____ Habilitações Literárias: _____ Grau de Parentesco: _____
Em qual das seguintes situações se encontram os teus pais:
Casados ----- Separados ----- Divorciados ----- Outra Situação -----
Ausentes: Pai ----- Mãe ---- Falecidos: Pai ----- Mãe -----

1.3 – RESIDÊNCIA

Tipo de Habitação: Moradia: Própria Alugada Quantas divisões tem: ____
Apartamento: Própria Alugada
Tens quarto individual? _____

1.4 - ALIMENTAÇÃO/SAÚDE

N.º de refeições por dia: ____
Pequeno-almoço ----- Onde: _____ O que tomas: _____
Lanche (manhã) --- Almoço ---- Lanche (tarde) --- Jantar --- Ceia ---
Quantos dias comes peixe por semana?
0 ----- 1-3 ----- 4-7 -----
Quantos dias comes carne por semana?
0 ----- 1-3 ----- 4-7 -----
Quantos dias comes legumes por semana?
0 ----- 1-3 ----- 4-7 -----
Quantos dias comes sopa por semana?
0 ----- 1-3 ----- 4-7 -----
Quantos dias comes "fast-food" por semana?
0 ----- 1-3 ----- 4-7 -----
O que bebes geralmente à refeição?
Água ---- Refrigerantes ----
Tomas banho todos os dias? Sim Não Quantas vezes por semana: _____
A que horas te deitas?
21-22h ----- 22-23h ----- 23-24h ----- +24h -----
A que horas te levantas?
6-7h ----- 7-8h ----- 8-9h ----- +9h -----

Ouves bem? Sim ---- Não ----

Vês bem? Sim ---- Não ----

Já tiveste alguma destas doenças?

Varicela ----- Tosse convulsa ---- Rubéola ----- Meningite -----

Hepatite ----- Febre reumática --- Sarampo ----- Papeira -----

Outras ----- Qual (ais)? _____

Tens alguma deficiência física? Sim ---- Não ----

Tomas algum medicamento regular? Sim ---- Não ----

És alérgico a algum medicamento? Sim ---- Não ----

Atualmente és portador de alguma destas doenças?

Otitis -- Asma -- Diabetes --- Epilepsia -- Doenças cardíacas -- Outras -- Qual (ais)? _____

1.5 - RELAÇÃO COM A ESCOLA

Distância escola/casa _____ Como te deslocas? Carro -- Autocarro -- A pé -- Bicicleta -- Outro --

Tempo gasto no percurso: [0 – 10]min -- [10 – 30]min -- Mais de 30min --

O que mais te agrada na escola? _____

O que menos te agrada na escola? _____

Menciona 3 disciplinas preferidas:

1 - _____ 2 - _____ 3 - _____

Menciona 3 disciplinas que não gostas:

1 _____ 2 - _____ 3- _____

Ficaste retido algum ano? Sim ---- Não ---- Qual (ais)? _____

Motivo: Doença ----- Excesso de faltas ----- Falta de estudo -----

Mudança de escola ---- Preguiça ---- Outros ---- Qual (ais)? _____

1.6 - OCUPAÇÃO DOS TEMPOS LIVRES

Como ocupas os teus tempos livres?

Ler - Jogar computador/Internet - Ver televisão - Ajudar os pais - Ouvir música - Estudar -

Conversar com os amigos - Passear - Praticar desporto - Ir ao cinema - Outros -

Quais? _____

Como costumavas ocupar o tempo livre na escola? _____

1.7 - DADOS RELATIVOS À EDUCAÇÃO FÍSICA

Gostas da disciplina de Educação Física? Sim --- Não ---

Que modalidades aprendeste no ano anterior?

Andebol --- Natação --- Voleibol --- Badminton --- Basquetebol --- Ténis ---

Futebol --- Ténis de mesa --- Corfebol --- Patinagem --- Futsal ---

Dança --- Rugby --- C. de Orientação --- Hóquei --- Escalada ---

Atletismo --- Aeróbica --- Ginástica --- Karatê ---

Que modalidades novas gostarias de aprender nas aulas? _____

Qual a que tens mais dificuldade? _____

Quais as tuas preferidas? _____

Quais as que menos gostas? _____

Na tua opinião qual a importância da E.F.?

Muito importante --- Importante --- Pouco importante --- Nada importante ---

De 1 a 10, qual a tua motivação para a realização das aulas de E.F.?

1 -- 2 -- 3 -- 4 -- 5 -- 6 -- 7 -- 8 -- 9 -- 10 --

Qual a tua nota na disciplina de Educação Física no ano lectivo anterior?

1 -- 2 -- 3 -- 4 -- 5 --

1.8 – DADOS DESPORTIVOS

Já praticaste alguma modalidade desportiva? Sim -- Não --
Qual (ais)? _____ Quantos anos? _____

Praticas actualmente alguma modalidade? Sim -- Não --
Qual (ais)? _____ És federado? Sim -- Não --

Gostarias de praticar alguma modalidade desportiva? Sim -- Não --
Qual (ais)? _____

Frequentaste o desporto escolar no ano lectivo anterior? _____ Qual a modalidade? _____

Gostarias de frequentar/continuar no desporto escolar? _____ Qual a modalidade? _____

Costumas ver espetáculos desportivos? _____ Quais? _____

Ao vivo: TV: Ambos:

Obrigado pela colaboração!

ANEXO IV – GRELHA DE CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO, PARÂMETROS, PONDERAÇÕES E NÍVEIS DE DESEMPENHO

| Critérios de Avaliação | | Parâmetros | Ponderações | | Níveis de Desempenho | |
|---------------------------|--|--|-------------|-----|--|---|
| Competências Específicas | Competências de acção | Desempenho técnico e/ou prestação motora Aptidão Física | 55% | 70% | Nível Introdução, Elementar e Avançado previstos no Programa Nacional Curricular Zona Saudável de Aptidão Física – Aplicação de Protocolo | |
| | Competências de conhecimento | Conhecimentos teóricos | 15% | | Exposto e desenvolvido no Dossier de Departamento – Grupo de Educação Física | |
| Competências Transversais | Relacionamento interpessoal e de grupo | Responsabilidade | 3% | 18% | 30% | 100% - nível 5 95% a 99% - nível 4 90% a 94% - nível 3 85% a 89% - nível 2 Inferior a 84% - nível 1 |
| | | • Assiduidade e pontualidade | 3% | | | |
| | | • Higiene e segurança | 3% | | | |
| • Material | | 9% | | | | |
| | Respeito, Cooperação e Tolerância | | | | | |
| | Comunicação | Compreensão e expressão escrita Expressão oral | 2% | | Exposto e desenvolvido no Dossier de Departamento – Grupo Disciplinar de Educação Física | |
| | Métodos de trabalho e de estudo | Participação / Empenho | 8% | 10% | | |
| | | Utilização das novas tecnologias | 2% | | | |

Nota: Alunos comprovadamente incapacitados para a prática da disciplina (de acordo com a legislação) são objecto de uma avaliação diferenciada ao nível da ponderação das competências específicas. Assim, as **competências do conhecimento** corresponderão a **70%** da classificação.